

# A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174  
Rio de Janeiro — Tel. 4337 C.

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal .....	» »	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

## SUMMARIO

A diffusão do ensino primario  
**IDÉAS E FACTOS**

- Politica de instrucção publica —  
O ensino da historia
- Promoções no magisterio municipal  
Intendencia Municipal de Taquary
- «A Escola Primaria»
- A Historia Natural do Dr. Walde-  
miro Pötsch,
- Correspondencia
- Expediente

**A ESCOLA**

- Jardelina Rodrigues da Silva... O ensino á classe elementar  
Um problêma interessaute
- Silva Marques..... O Regato
- Helena..... Atravez das revistas — A disciplina  
na escola.

**ESCOLA NORMAL**

- J. A..... Geographia
- Alfredo Balthazar da Silveira..... Instrucção moral e civica

**LIÇÕES E EXERCÍCIOS**

## A DIFFUSÃO DO ENSINO PRIMARIO

A maior parcella da responsabilidade dos governantes e dirigentes vem, certamente, não do mal que, porventura, pratiquem, no exercicio da autoridade de que se achem investidos, mas do bem, que deixem de fazer, em proveito da collectividade.

E' que tanto bem podem diffundir os fortes e os poderosos, sem que para isso lhes seja necessario despender grandes esforços, que immensa será a sua culpa quando, por incuria ou falta de zelo, se julgarem quites com as suas consciencias, simplesmente por não fazerem mal.

Prova disso, dando medida da fecundidade dos exemplos vindos do alto, offerece-nos o interesse ora despertado em favor do ensino primario, pela carinhosa attenção a elle dispensado pelo Dr. Epitacio Pessoa e pelo seu governo.

Com effeito, até bem pouco tempo, os problemas de instrucção publica e, principalmente, os de ensino, só despertavam a attenção dos technicos e dos que, por dever de officio, com elles eram obrigados a se preocuparem.

Hoje, as coisas já se passam de modo bem diverso.

A instrucção publica, e, de todos os seus aspectos, o menos apreciado até agora — o ensino primario — preocupa a quantos se prezam de intellectuaes.

O combate ao analphabetismo assume ás proporções de uma verdadeira cruzada, da qual o Dr. Epitacio Pessoa bem merece as glorias de havel-a pregado.

Folgamos de registrar esse movimento promissor, que desejamos vêr frutificado nos mais fecundos resultados, e acreditamos haver chegado a hora propicia para a solução do problema maximo da nossa vida nacional.

Mas, para que se não dissipem inutilmente pre-

ciosos esforços e não se dispersem os novos cruzados da educação popular sem haverem logrado, siquer, dar combate á hydra do analphabetismo, é mistér que uma direcção criteriosa e segura afaste, com energia, do rol das cogitações, em materia de diffusão do ensino primario, planos e projectos extravagantes, verdadeiras aberrações, as mais das vezes inspiradas bem longe dos legitimos interesses do ensino.

E' preciso evitar os exageros dos recém-conversos á santa causa, alguns dos quaes talvez pretendam, agora, supprir com excessos de devoção, em curto prazo, o que melhor fôra de esperar de opportuna e esiricta observancia dos deveres de obrigação.

Pertencem ao numero desses exageros contra-producentes, inexequiveis projectos de summaria extincção do analphabetismo, por uma intensificação da actividade dos professores, até nos mezes em que a lei estabeleceu férias, necessarias ao maior rendimento do ensino dos mestres e da assimilação dos alumnos.

Taes exageros não são sómente inuteis; são prejudiciaes. Com elles só se alcançará o desfallecimento de alguns enthusiasmos e o desengano de alguns devotados; não são medidas efficazes para o combate ao analphabetismo e sim passes de magica, merecedores do qualificativo de giria que o humorismo popular costuma applicar aos manejos dessa natureza.

Enão é esse o objectivo do Dr. Epitacio Pessoa em materia de instrucção, ou em qualquer outro assumpto de administração.

Os que pretenderem, pois, seguir-lhe os passos, ou com elle cooperar para a solução do grande problema da diffusão do ensino primario, não poderão enveredar por esse caminho.



# I-IDEIAS E FACTOS

## Politica de instrucção publica

### VII

#### O ensino da historia

O professor que se propuzer a apresentar aos seus discipulos um quadro da evolução brasileira, embora reduzido ás linhas geraes de um esboço a traços largos, não pode deixar de meditar profundamente sobre a diversidade de caracteristicos da expansão maritima de cada um dos dois povos da peninsula iberica, dos quaes se originaram as duas grandes nacionalidades latinas, que entre si partilharam o territorio da America meridional: — as colonias de Portugal e de Castella, estas, fragmentadas em Estados diversos, politicamente autonomos e soberanos; aquellas, conservando as ligações garantidoras da unidade, atravez de todas as mutações successivas, do regimen colonial, á organização republicana.

São, de facto, fundamentalmente diversas as caracteristicas das expansões maritimas de Portugal e de Castella.

«Emquanto a Hespanha, sob o peso das influencias que actuaram em sua formação nacional, imprimia aos seus empreendimentos de além o caracteristico typico da conquista militar, as descobertas portuguezas precisavam-se com o objectivo nitidamente commercial que animava os navegadores do periplo africano á procura de terras onde pudessem instalar «feitorias» para o intercambio de productos.

Em busca do caminho das Indias, cujas legendarias riquezas excitaram a sua cobiça, os portuguezes não satisfaziam uma necessidade de expansão territorial, nem obedeciam ás impulsões do instincto guerreiro.

Não eram soldados que se destinassem á conquista militar de terras estranhas e sim mercadores que se apresentavam para a defesa de sua fazenda.

Não os animava a verdadeira ambição de predominio politico, mas o espirito proprio á raça semitica, desde muito infiltrada entre a gente lusitana, graças á sua generosa acolhida, acolhida que a

intolerancia religiosa de Castella sempre recusava ás immigrações acatholicas.

Mais lhes apraziam as perigosas travessias do oceano Indico, em demanda das costas Indostanicas, onde a existencia de uma industria organizada permitia um commercio regular e lucrativo, do que a facil navegação para o littoral brasileiro, onde as possibilidades de mais avultado ganho dependiam de laboriosas explorações.

Foi sómente pela força das circunstancias, para se garantirem contra a concorrência de terceiros, que os navegantes mercadores se tornaram colonizadores. (1)

Não vae exagero algum nessas apreciações, nem as anima prevenção ou má vontade contra a gente portugueza. Limitamo-nos a apreciar os factos formulando as conclusões que delle decorrem.

Não ha, aliás, o que estranhar no reconhecimento da falta de incentivos para uma verdadeira expansão colonial por parte da nação portugueza.

«Nenhum dos motivos que podem dictar uma expansão colonial presidiu ás descobertas portuguezas.

Nada obrigava ao exodo das populações em busca de nova patria, nem tão pouco a capacidade industrial da nação era de molde a exigir a procura de longinquos mercados para o escoamento de seus productos ou para a aquisição de materias primas.

Portugal visava, unicamente, constituir-se em entreposto commercial das especiarias asiaticas, contentando-se com os lucros de intermediario entre os productores do oriente e os consumidores do occidente.

Para garantir o resultado dessa empresa era preciso assegurar o monopolio do commercio das descobertas.

Esse objectivo poderia ser alcançado na India, pela simples dominação militar, pois a sujeição dos principes indianos garantiria o monopolio dos productos da industria de seus subditos aos mercadores portuguezes.

Outro tanto era impossivel no Brasil,

(1) Ignacio M. Azevedo do Amaral — José Bonifacio. Rio de Janeiro, 1917, pags. 8 e 9.

onde não existia industria organizada, cujos productos pudessem ser mercadejados com os naturaes.

A exploração das riquezas da vasta conquista americana exigia a sua colonização.

Foi por isso que, como observa Leroy—Beaulieu (De la colonisation chez les peuples modernes), as possessões portuguezas, com excepção do Brasil, cuja colonização foi relativamente tardia, não foram verdadeiras colonias «no sentido estreito da palavra», constituindo antes «uma cadeia de entrepostos e de pontos de abastecimento, defendidos por fortalezas.» (1)

E, quando «para se garantirem contra a concorrência de terceiros, os portuguezes se decidiram, tardiamente, a emprender a colonização do Brasil, foi essa tarefa perturbada pelas lutas contra os francezes e os hollandezes, prolongadas até meados do seculo 17, e pela crise dynastica consequente ao desastre de Alcacer-Kibir.

Alem disso, os portuguezes, «colonizando, para monopolisar, e monopolizando para mercadejar», só cuidaram «da organização industrial da sua conquista americana na medida do indispen-

(1) Ignacio M. Azevedo do Amaral, ob. cit. pag. 37 (nota I).

savel para se assegurarem os lucros de seu commercio». (1)

Testemunham de sobejo os acanhados intuitos da acção colonizadora de Portugal, as cartas regias e os alvarás em que se escreve a historia das causas da lentidão do nosso progresso e da maior parte das difficuldades contra as quaes ainda hoje lutamos, após um seculo de vida independente.

Não será fóra de proposito a citação de alguns desses actos officiaes, que prescreviam, desde o castigo com palmatoadas a quem plantasse arroz, até a pena de morte aos que abrissem estradas para a penetração dos sertões nas regiões mineiras.

E' certo que o professor primario não poderá pretender transmittir aos seus alumnos nem mesmo as considerações geraes, ora expendidas, sobre os factores que presidiram a formação de nossa nacionalidade pela influencia das condições dos seus colonizadores.

Carece, porém, elle, de meditar sobre o assumpto, segundo as linhas esboçadas, para a orientação do seu espirito em questões nas quaes não raro as opiniões se dividem entre extremos igualmente exagerados e inconvenientes.

(1) Ignacio M. Azevedo do Amaral, ob. cit. pag. 38 (nota III).

## Do Bom ao Melhor... e ao Menor Preço

A CASA CAVANELLAS, completamente reformada tem a honra de convidar a seus distintos freguezes a fazer uma visita, para ver os ricos

**Leques** de plumas, de todas as cores.  
**Leques** de madreperola e renda.  
**Leques** de tartaruga, osso, sandalo, etc. etc.  
**Leques** de seda Japoneza, papel, etc.  
**Meias** de seda e de fio, nacionaes e francezas de todas as cores, para Senhoras, Homens e Creanças

Collares, pulseiras, carteiras, bolsas, luvas e todas as novidade chegadas de Paris

Telephone N. 3891 —o— Rua do Ouvidor, 178



## Promoções no Magisterio Municipal

Recebemos a seguinte carta do nosso prezado amigo Snr. Venerando da Graça, esforçado inspector escolar.

### Directoria Geral de Instrução Publica

Rio de Janeiro, 19 de Agosto de 1921.

Srs. Directores da «A Escola Primaria».

Com o fim nobre, digno, elevado, de despertar na classe dos professores adjuntos o esfímulo ao desejo constante, diario, de aperfeiçoar-se na arte espinhossissima de educar crianças, de preparal-as para a sociedade, afim de que, amanhã, possam concorrer directamente para a felicidade sua, de sua familia e de seu torrão natal, imaginei um processo numerico para se aferir o merecimento dos referidos professores, processo esse que, bem estudado e expurgado do que houver de impraticavel, penso—resolverá o problema das promoções por merecimento, de um modo satisfactorio para todos, porque o professor, conscio dos seus direitos, e de que esses direitos não lhe serão negados, trabalhará com mais amor, com mais dedicação, imprimindo, portanto, á sua obra—a educação da criança—um cunho mais perto do idéal da perfeição. Com isso, só têm de lucrar o ensino, a criança e a sociedade a que essa creança pertence.

Como, porém, essa criança pertença á nossa sociedade, o meu trabalho tem um fim verdadeiramente patriótico, merecendo por isso, supponho, o apoio, o concurso de todos aquelles que amam fervorosamente a nossa querida patria, e que aspiram o seu progresso, a sua felicidade.

Sendo a função da—«A Escola Primaria» indicar ao professorado os melhores methodos e processos para a educação da creança, e como os seus directores são collegas meus, e como eu, também, desejosos de imprimir, ao mesmo professorado, esse movimento de estímulo á conquista dos altos ideaes da educação da criança, certo, darão ao meu trabalho algum apreço, algum valor, e, por isso, o estudarão com o carinho que lhe merecem as causas santas em benefi-

cio da instrução e da educação da criança.

Remettendo-vos, portanto, srs. Directores da «A Escola Primaria» o trabalho a que nesta me refiro, espero mereça elle de todos vós—paternal acolhida.

Acompanha também um artigo intitulado—«Promoções no magisterio municipal»—para o qual também peço bom acolhimento. — Amigo e collega, *Venerando da Graça*.

E' o seguinte o trabalho a que se refere o snr. Venerando da Graça.

A distincta e illustrada professora D. Maria Stella, diz na sua «Cartas Serranas», publicada na «A Escola Primaria», de Junho do andante. o seguinte:

Apezar de todas as objecções que se lhe possam levantar, é ainda o concurso o melhor meio de se pôr á prova a competência e a capacidade de cada um. A confirmação desta verdade encontra-se na brilhante pleiade de professoras que obtiveram a sua cathedra por esse meio.

Que venha o concurso, sério e honesto, e estaremos com a causa ganha. E o ensino lucrará, pois, com elle, teremos um corpo docente ainda mais culto, pelo afan com que se empenharão todos no maior aperfeiçoamento intellectual, como factor precipuo para o acesso á cathedra didactica.

A competencia scientifica e o conhecimento dos melhores methodos, comquanto não sejam os unicos, são os elementos que mais seguramente garantem a proficuidade do ensino, e que, portanto, melhor affirmam a verdadeira professora, aquella que, com maiores resultados, se desempenha de sua alta tarefa junto ás crianças.

E ávante, minha boa amiga, ávante no seu alto labor em prol dos pequeninos: elles nada têm que ver com as injustiças da lei ou com os criterios das interpretações; são, antes, credôres do nosso constante esforço e da nossa dedicação, forças essas que exprimem um bem intangível, que, alevantado e nobre, como é, nos basta, por si só, como compensação aos nossos sacrificios.

Peço licença á illustrada professora para dissentir de seu modo de pensar e de encarar o assumpto.

O concurso não é o melhor meio de se pôr á prova a competencia e a capacidade de cada professor primario.

Argumentemos. E para começar do principio, partamos da escola.

Que é a escola? — Um orgão essencialmente social. A ella incumbe a grande tarefa de preparar o individuo para a sociedade, de educal-o de modo a que elle possa ser feliz e possa também trabalhar, com efficiencia, pela felicidade de seu paiz, de sua patria.

Em que consiste, porém, essa educação?

*Em uma socialização methodica das gerações que surgem*, diz Euisson.

*Em cada um de nós; continua Buisson, pôde-se dizer, existem dois seres que, apesar de abstractamente serem inseparaveis, não deixam de ser distinctos. Um é feito, constituído de todos os estados mentaes, que não se referem senão a nós mesmos e aos acontecimentos de nossa vida pessoal, é o que se poderia chamar o ser individual. O outro é um systema de idéas, de sentimentos e de habitos, que exprime em nós, não a nossa personalidade, mas o grupo ou grupos differentes dos quaes nós fazemos parte, taes são as crenças religiosas, as crenças e praticas moraes, as tradições nacionaes ou profissionaes, as opiniões collectivas de toda sorte.*

*Seu conjunto forma o ser social. Constituir este ser em cada um de nós, tal é o fim da educação.*

*Mas, para que a educação consiga seus fins, ella precisa, então, accrescentar, o mais depressa possivel, ao ser egoista e asocial que nasce, um outro capaz de ter e de levar uma vida moral e social. Essa é que é a verdadeira obra da educação. Nessa obra é que reside toda a sua grandeza.*

*A educação não se limita, portanto, a desenvolver o organismo do individuo no sentido marcado por sua natureza, e sim a lhe restituir e lhe desenvolver evidentes forças occultas que, para se manifestarem, para se revelarem, nada mais exigem do que — educação.*

*A educação cria, portanto, no homem, um ser novo. Esta virtude criadora é, aliás, um privilegio especial da educação humana.*

Pergunto: O concurso para os differentes cargos no magisterio primario empresta ao individuo essa virtude, esse privilegio?

O concurso, apenas, faz com que os candidatos estudem, com fervor, mas theoreticamente, as materias nelle exigidas, afim de alcançarem maioria de pontos nas provas a que forem submettidos.

Quanto ao mais — e que é muito mais importante do que saber theoreticamente as materias de concurso — isto é, quanto á serie de predicados e de attributos que constituem a aptidão pedagogica, o concurso não resolve o caso.

O concurso, por exemplo, fará com que o professor seja assiduo e pontual? seja dedicado á criança e á escola? saiba manter a ordem, a disciplina na escola? saiba habituar seus alumnos a serem aseados, cuidadosos e zelosos? ensina o professor a ter, a possuir, a desenvolver a sua capacidade de trabalho? imprime o concurso, por ventura, no professor primario, as condições de character e de moral indispensaveis ao educador, indispensaveis áquelles que teem de criar, no homem, um ser novo?

Absolutamente, não.

Lógo, o concurso não soluciona o caso, porque não se trata, apenas, de promover os mais habilitados nas materias que tenham de leccionar na escola, e sim os mais aptos, isto é, aquelles que possuirem no mais alto gráo, em maior quantidade, aquella virtude, aquella privilegio especial da educação, de que nos fala Buisson.

O caso, portanto, das promoções no magisterio primario fica, deste modo, intimamente ligado ao facto social do qual a escola é um dos

grandes factores, porque é nella que a criança se educa, é nella que a educação cria no ser egoista e asocial que nasce: — a criança, um outro ser capaz de levar uma vida moral e social. E como podemos considerar cada escola como uma verdadeira patria pequena, representando o logar onde ella funciona: — o solo patrio; as crianças que a frequentam: — a sociedade; e os professores: — os dirigentes dessa mesma sociedade, as escolas são, em sua totalidade — pequeninas patrias disseminadas dentro da patria grande, dentro da grande patria!

Vemos, portanto, qual a importancia social que tem a escola e a que tem o educador.

O concurso será o melhor meio de pôr á prova a competencia e a capacidade de cada um desses dirigentes das nossas pequeninas patrias?

Não. Porque esse dirigente, esse educador, não se faz nos livros, com a simples aprendizagem das regras e preceitos que elles ensinam, e sim com a pratica dessas mesmas regras, desses mesmos preceitos. E essa pratica só se adquire — dentro da escola e junto ás crianças. E' do convívio com as crianças que o professor adjunto se transformará em um bom, em um optimo educador.

Si não houvesse uma Escola Normal, cuja função é formar professores primarios, eu aceitaria o concurso, sómente para saber si A, B ou C estavam nas condições de entrar para o magisterio. No nosso caso, essa entrada corresponde, actualmente, ao cargo de adjunto de 3º classe.

D'ahi por diante, porém — não, porque, com as promoções por merecimento, a Administração não pretende escolher os que tenham maior preparo intellectual, e sim os que, aceitando o cargo de professor primario, adquiram, no meio em que exerceram a sua missão, isto é: — dentro das pequeninas patrias—a maior pratica da arte de educar, da arte de guiar a pequenina sociedade. O que devemos fazer, portanto, não é concurso e sim — estimular o professor primario a adquirir essa virtude e assenhorear-se desse privilegio. E nada melhor para se despertar esse estímulo do que levar ao espirito combatido do professor — a crença, a convicção de que todo o seu esforço, todo o seu trabalho, toda a sua dedicação á criança e á escola, todo o dever cumprido satisfactoriamente, tudo, emfim, que elle faça, que elle pratique, no sentido da verdadeira educação de seus alumnos, lhe será contado, *impreterivelmente*, como factor determinante do seu merecimento.

No dia em que esse factor se tornar em realidade, nós veremos o professor adjunto estudar, não sómente nas vesperras ou ante-vesperras do concurso, como sóe sempre acontecer, mas, sim, diariamente: — na escola, em casa, na rua, em toda a parte, afim de aperfeiçoar a serie de seus conhecimentos scientificos, e adquirir aquella virtude cujo privilegio pertence, exclusivamente — a educação. E nós, em nossas escolas, em nossas pequeninas patrias, não precisamos de litteratos, mas, sim — de bons, de optimos educadores.

Por isso, sou de opinião que se deva adoptar, para as promoções e para aferir-se o mere-



cimento do professor adjunto, não o concurso, e sim um critério uniforme e numerico, de tal modo feito, que vá buscar os competentes, os dignos, os mais aptos — onde quer que estejam, onde quer que se encontrem.

Rio, 19 de Agosto de 1921.

Venerando da Graça,

Inspector Escolar do 13º Districto.

## Intendencia Municipal de Taquary

O Exmo. Sr. Antonio Porfirio de Menezes Costa, Intendente Municipal de Taquary, Estado do Rio Grande do Sul, teve a gentileza de communicar-nos, por officio de 25 de Julho ultimo, haver assumido aquelle cargo, para o qual fôra eleito em 25 de Maio do corrente anno.

—)o(—

### “A Escola Primaria”

O «Minas Geraes», órgão official do Estado de Minas, inseriu, em seu numero de 17 de Setembro ultimo, a seguinte local, que muito nos desvanece:

«Entre as solemnidades projectadas para a commemoração do Centenario destaca-se, innegavelmente, a promovida pela *Escola Primaria*, revista mensal sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal, e que consiste em ser a data festejada exactamente á mesma hora, em todas as escolas primarias do nosso vasto paiz.

Essa patriótica iniciativa da brilhante revista mereceu franca approvação do sr. Ministro do Interior e da Commissão Central.

Para completo exito da idéa, a *Escola Primaria* vae tirar, no corrente mez, um numero especial, contendo o programma-tipo da commemoração a ser feita, devendo essa edição ser de 24 mil exemplares, para que possam ser contemplados com um exemplar todos os professores, publicos e particulares, das Escolas primarias do Brasil.

Assim, todos os srs. professores primarios que, até 15 de outubro proximo, não houverem recebido esse numero es-

pecial, cuja distribuição é inteiramente gratuita, deverão reclamar-o da redacção da *Escola Primaria* (Sete de Setembro, 174), para que sejam promptamente attendidos.»

Consignamos, com o maior desvanecimento, as seguintes benevolas palavras com que Osorio Duque-Estrada, o consagrado homem de letras, distinguiu «A Escola Primaria», em seu apreciado «Registro litterario», do «Jornal do Brasil», de 27 de Setembro ultimo;

«A Escola Primaria» (3.º anno, n. 7)

Está distribuido o fasciculo de agosto desta importante revista, que, contando especialmente com a dedicação e o esforço dos distinctos inspectores escolares drs. Cesario Alvim e Baptista Pereira, obedece ainda á orientação do formoso espirito do dr. Ignacio Amaral, professor de vastissima cultura e pedagogo muito justamente conhecido e reputado hoje em todo o Brasil.

E' verdadeiramente notavel e brilhantissima a nova phase por que está passando a referida publicação, cujos redactores não se cançam de pregar idéas, uteis, sensatas e opportunas, em pról da diffusão e do progresso do ensino primario em nossa terra.

A suggestão de um congresso de ensino primario (já adoptada pelo Ministerio do Interior, e tendo provocado a apresentação de theses por parte dos professores dos estados); os magistraes artigos — *Federalização do Ensino Primario e Politica de Instrucção Publica*; diversos modelos de lições, continuamente publicados; o programma organizado para a commemoração do centenario nas escolas primarias; o numero especial, que vae brevemente ser dado á estampa, com artigos e escriptos firmados por escriptores de nomeada; tudo isso attesta a importancia e o brilho que tem adquirido nos ultimos tempos *A Escola Primaria* — publicação de que muito legitimamente se deve orgulhar a capital da Republica.

OSORIO DUQUE-ESTRADA

Mobiliario completo para uma casa com 36 peças, 2:300\$000 á Rua do Theatro, 1 — Teleph. Central 476.

# A Independencia

## A Historia Natural do Dr. Waldemiro Potsch

O Dr. Waldemiro Potsch, professor do Collegio Pedro II, enviou-nos a sua obra «HISTORIA NATURAL, para uso das escolas, approvada pelo Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, acompanhada da seguinte carta:

«Illustrada Redacção da «A Escola Primaria».

Sereis o tribunal para mim inappellavel e a cujo julgamento me submettereis satisfeito porque se firmará na verdade, na justiça, no amor ao ensino.

Nos primeiros dias de Abril foi presente á Directoria de Instrucção Publica um requerimento pedindo approvação do meu despretenhoso compendio de Historia Natural, elaborado sem nenhum outro desejo maior do que o de ser util á minha terra. Dos illustres professores nomeados para estudal-o, os Drs. Athos Aramis de Mattos e Henrique de Araujo não tardaram a desobrigar-se da incumbencia, fazendo chegar á Directoria os respectivos pareceres.

Não procedeu assim o professor Dr. Barboza Vianna.

Seis mezes levou, naturalmente, a percorrer as 200 paginas do livro e agora, nos ultimos dias de Agosto e depois de muito solicitado, enviou ao director da Instrucção um longo relatório, julgando-o como prejudicial ao ensino, e apontando erros vergonhosos em cada uma das suas paginas. Que longe está o meu compendio da perfeição, preciso não se torna o parecer do Dr. Barboza Vianna, durante seis mezes estudado. Mas que os seus defeitos ultrapassam o merecimento é o que o espirito não quer acreditar, naturalmente, porque eu o vejo atravez as fadigas e os sacrificios que elle me custou.

Ahi está, por que, confiado no vosso espirito imparcial, alheio aos interesses e malquerenças, entrego á redacção da «A Escola Primaria», dirigida pelos dignos inspectores escolares do Districto Federal, o julgamento da minha Historia Natural.

A maior preocupação que me assistiu ao fazer o modesto compendio que ponho debaixo dos vossos olhos, e isto o vereis claramente nas suas paginas, foi tornar, dos alumnos das escolas, conhecidas as nossas riquezas naturaes e estimular o patriotismo das crianças.

Mas, si o meu trabalho condemnardes, motivo não será de maguas nem de esmorecimentos, porque todos os esforços congregarei depois para tornal-o digno das escolas de minha terra e, portanto, da vossa sympathia e protecção. E si levantardes o anathema que sobre elle lançou um professor, voz singular entre os que o estudaram, será isto a maior paga para o seu obscuro autor.

Vosso patricio,

(Assignado) Waldemiro Potsch.

Rio 1—9—921».

Não conhecemos o parecer do Dr. Barboza Vianna, ao qual allude o Dr. Waldemiro Potsch; não podemos, pois, apreciar as allegações em que aquelle illustre professor, porventura, te-

nha fundado o seu julgamento sobre o valor do traslado de que nos occupamos.

O plano da obra do Dr. Waldemiro Potsch é, a nosso ver, o mais conveniente e adequado ao fim a que se propõe, e como justamente observa o seu autor, muito divergindo da orientação segujda nos livros escriptos sobre a materia.

Foi assim que o autor procurou proporcionar aos seus pequeninos leitores informações relativas ás nossas riquezas naturaes, coordenadas e expostas por fórma propria a interessar as crianças e a impressionar a imaginação infantil, graças ao emprego de adequados recursos de grapho-estatística.

Os applausos que nos merece o ponto de vista adoptado pelo Dr. Potsch não causarão estranheza aos nossos leitores, pois esta revista tem pregado a necessidade indeclinavel de ser orientado o ensino primario de modo que a educação intellectual das novas gerações se faça pelo «conhecimento, embora reduzido ás noções fundamentaes, do homem e da natureza, da nossa terra e da nossa gente, das nossas aspirações e dos nossos recursos».

E' indispensavel que a nossa gente se habilite a promover e dirigir a expansão economico do paiz e para isso é necessario que a formação da mentalidade do nosso povo tenha em vista esse objectivo principal, focalizado desde a instrucção primaria pelo quadro dos nossos recursos e riquezas naturaes.

O Dr. Waldemiro Potsch demonstrou haver bem comprehendido a importancia desse objectivo, ao traçar o plano de sua «Historia Natural», para uso das escolas.

No desenvolvimento do trabalho, de accordo com tal ponto de vista, não foram pequenas as difficuldades que o autor teve de vencer.

A conciliação da simplicidade de linguagem de um livro destinado a crianças, com o rigor e a precisão dos conceitos scientificos, que nelle devam ser expostas — um dos mais serios tropeços á boa feitura de obras didacticas — não foi, certamente, o menor dos obstaculos com que deparou o autor.

E', pois, natural que algumas vezes tal conciliação se fizesse em beneficio da clareza e simplicidade e com prejuizo do rigor das noções e conceitos scientificos, e outras fossem áquellas um tanto sacrificadas no desejo de maior exactidão da doutrina.

Ao nosso ver, andou acertado o Dr. Waldemiro Potsch preferindo o primeiro ao segundo desses dois criterios, o que caracteriza o objectivo didactico do seu trabalho e explica e justifica o menor rigor de algumas de suas definições.

Taes faltas de rigor, não constituem, em principio, defeitos por que devam ser condemnadas obras didacticas, pois resultam de circunstancias contingentes e inevitaveis; desde que não sejam excedidas da dos limites, as conveniencias didacticas legitimam algumas concessões, ao rigor da linguagem scientifica, que não seriam cabiveis em outros trabalhos de exposição doutrinaria.

E o Dr. Waldemiro Potsch não abusou das licenças, em materia de rigor scientifico, em nome da conveniencia didactica; o que a esse respeito se encontra em seu trabalho seria talvez de ordem a despertar os escrupulos de alguma



sociedade de cientistas rigorosos, mas nunca provocaria a atenção de professores.

E' que a sciencia do professor tem alguma coisa da arte do scenographo...

Das tres partes principaes em que se divide a obra do Dr. Waldemiro Potsch—Zoologia, Botanica e Os nossos recursos mineraes — talvez a ultima pudesse comportar um maior desenvolvimento, sem prejudicar o plano do trabalho; egualmente talvez coubesse alguma ampliação á ultima parte do livro, ao verdadeiro appendice, em que o autor proporciona aos seus leitores conhecimentos relativos a «Algumas doenças».

Mas, mesmo sem quaesquer ampliações, quer á parte mineralógica, quer á hygienica, o livro do Dr. Potsch é o que conhecemos de melhor no seu genero, escripto na nossa lingua e segundo um plano conveniente para a instrução do nosso povo.

Tanto basta para recommendal-o, como o fazemos, a quantos careçam de um primeiro compendio para a iniciação do estudo da historia natural, como ella deve ser estudada pelos nossos pequenos patricios.

## CORRESPONDENCIA

F. O.—Não é sómente Latino Coelho quem affirma os propositos de José Bonifacio a respeito da emancipação politica do Brasil, durante a sua estadia em Portugal. Mello Moraes, em sua Historia do Brasil—Reino e Brasil-Imperio (t. I., pags. 193, referindo-se á commissão de estudos de que o governo portuguez investiu José Bonifacio, em 1790, pouco depois de haver concluido os seus cursos universitarios, diz que Martinho de Mello, ministro de D. Maria I, «não consentiu que José Bonifacio voltasse para o Brasil, sinão depois de acabar os seus estudos em Coimbra, receioso de que fosse fazer uma revolução, e o mandou viajar e estudar á custa do Estado..»

Acrescenta tambem Mello Moraes que taes receios eram compartilhados

pela regencia de Portugal, a qual, em 1818, ainda procurou obstar o regresso de José Bonifacio ao Brasil, não obstante a ordem regia que para alli o chamava, afim de assumir o posto de ajudante do ministro assistente ao despacho, que era Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal; mesmo em taes circumstancias, a volta ao Brasil do patriarcha da nossa independencia só teve logar em 1819 em virtude de segunda ordem, expedida em termos peremptorios.

Outro escriptor brasileiro, o almirante Henrique Boiteux, teve ensejo de consignar em sua obra — «Os nossos almirantes» (volume 3.º pagina 31) o resultado de pesquisas suas sobre os propositos de José Bonifacio, manifestando-se nos seguintes termos:

«As idéas emancipadoras distilladas por José Bonifacio cujo saber e amor á terra de nascimento eram conhecidos, fizeram com que, de 1819 a 1821, nenhum dos seus compatriotas que concluíram o curso na Universidade de Coimbra aceitasse cargo na Metropole e que todos regressassem á Patria, para propugnar, animar e propagar, o movimento libertador, promovendo associações, onde, a pretexto de assumptos agrarios, se tratasse do primordial—a emancipação.»

P. M. — Pode sustentar o contrario. José Bonifacio não se affirmou estadista, sómente pela exacta comprehensão do aspecto interno da politica brasileira. Basta dizer que as instrucções por elle expedidas a Correa da Camara, em missão diplomatica junto aos governos de Buenos-Aires, Valparaiso e Assumpção, preconizam e definem uma politica continental Pan-Americana, ponto de vista tambem anteriormente adoptado por Cabugá, representante dos revolucionarios pernambucanos de 1817, perante o governo dos Estados Unidos.

**MOAGEM S. RAYMUNDO** \*

Deposito de cereaes e sal — Especialidade em Fubás de Milho e Arroz, Cangica, Araruta e Polvilho. Movida por tracção electrica

**CARVALHO LEME & C.**

Telephone 799-Norte

48 RUA ACRE, 86

RIO DE JANEIRO

## EXPEDIENTE

«A Escola Primaria» circula em todo o Brasil.

Os pedidos de assignaturas devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á

Redacção d' «A Escola Primaria»  
Rua Sete de Setembro, 174—1º andar.

As collecções dos annos anteriores, de 1916-1917, 1917-1918, 1918-1919 e 1920-1921, são vendidas na mesma redacção ao preço de 15\$000 cada anno, em avulsos, e 18\$000, em volumes encadernados. Os pedidos de collecções, pelo correio, deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000 por collecção annual, para o registro postal.

Os numeros avulsos dos annos de 1916, 1917, 1918, 1919 e 1920 serão vendidos na redacção, pelo preço de 1\$500 exemplar.

Os pedidos de numeros avulsos, pelo correio, deverão vir acompanhados da respectiva importancia e mais o valor dos sellos para expedição, á razão de 10 réis por exemplar.

Aos professores primarios que tomarem desde já a assignatura do anno de 1922-1923 d' «A Escola Primaria» offerecemos, a titulo de bonificação, um abatimento de 50% nos nu-

meros 10, 11 e 12 (Novembro, Dezembro e Janeiro), que faltam para completar o 5º anno da revista.

Para esse fim, deverão os srs. professores remetter-nos, além da importancia de 9\$000, correspondente á assignatura do anno, mais 2\$000 pelos quatro numeros avulsos.

Só se aceitam annuncios compatíveis com o caracter desta Revista.

Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem, por escripto, tanto as communições de mudanças de endereço, como quaesquer reclamações relativas á remessa da revista.

Os Snrs. assignantes, annunciante e quaesquer pessoas que tenham negocios a tratar com a administração desta revista poderão procurar o gerente na redacção, das 15 ás 17 horas, nos dias uteis.

As reclamações dos nossos assignantes, por irregularidades na distribuição da «A Escola Primaria», deverão ser enviadas por escripto á redacção, dentro do mez que se seguir á distribuição, para os assignantes do Districto Federal; e dentro do trimestre seguinte á mesma distribuição, para os assignantes dos estados.

Fóra desses prazos, não serão aceitas reclamações.

**A Luneta de Ouro** \* Oficina de escultura — Encarnação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmonius, oculos, pince-nez, binoculos, optica e artigos de fantasias.

**PINTO DA FONSECA & BALSEMÃO**

Rua do Ouvidor. 123-Tel N. 5583

Abre ás 8 — Fecha ás 6 = Caixa Postal 1.598 — Endereço telegraphico «AURELIO»

Acaba de receber grande quantidade de todos os artigos que constituem sua especialidade. O maior sortimento em Harmoniuns allemães e francezes.

RIO DE JANEIRO

**COLLEGIO PAULA FREITAS**

Rua Haddock Lobo, 345 — RIO DE JANEIRO

INTERNATO — SFMI-INTERNATO — EXTERNATO

CURSOS de adaptação, primario, propedeutico, secundaris (de preparatorios e admissão ás escolas superiores e commercial.

AULAS ESPECIAES de tachygraphia e de mathematica para admissão ás escolas Naval, Guerra e polytechnica.

AULAS PRATICAS de physica e chimica e historia natural nos gabinetes e laboratorios do collegio.

Instrucção Physica e Militar, Moral e Civica. Ensino da Religião Catholica (facultativo).

REGIMEM: diario de classe, boletim diario, médias e concursos mensaes, exames parciais e coeta de anno, que influem no julgamento de exame de sufficiencia ou final.

MATRICULAS — continuam abertas. — Estão funcçãoando todas as aulas

**M. PAULA FREITAS**, director.



## II-A ESCOLA

## O ensino á classe elementar

Qualquer que seja a disciplina professada a crianças do primeiro anno, cumpre que a lição seja feita de modo que o alumno, insensivelmente levado a observar com intelligencia o meio que o cerca, vá progressivamente adquirindo curiosidade de saber, requisito que constitue o supremo auxiliar do professor.

São por demais accessíveis os fins a que desejamos attingir com o ensino das diversas disciplinas nessa classe; faz-se mister, porém, encaminhal-o de modo simples e agradável, sem fadiga, procurando exemplos concretos, usando de linguagem ao alcance da intelligencia infantil, procurando deduzir a noção a ensinar de um facto real da vida pratica, applicando-a immediatamente a outros factos, fazendo, por fim, com que as crianças descubram novas applicações da noção adquirida, afim de que, verificada promptamente a sua utilidade, a mesma se torne sensível, palpavel, indiscutível.

Este ultimo ponto é parte capital no ensino á classe elementar; concorre para que com mais facilidade a noção se grave e permaneça como embutida no cerebro infantil, substancia malleavel á feição do professor.

A descoberta de novas applicações dos conhecimentos adquiridos trará ás crianças satisfação immensa, despertando-lhes, consequentemente, pelo prazer de aprender, o interesse por tudo quanto lhes transmite o professor e... infeliz do mestre a quem não é dado ter constantemente junto a si este invisível mas omnipotente companheiro!...

Inutil seria para o desenvolvimento mental das crianças apontar-lhes os objectos ou os factos que as cercam, dando-lhes em uma serie as suas qualidades, embora fosse ella a mais perfeita e completa.

Não passaria a lição, assim conduzida, de simples código de informações, sem o minimo attractivo; resumir-se-ia em uma serie de noções sem vida, que sómente as crianças privilegiadas aprenderiam, apenas, através de sensações auditivas, que, como ninguém desconhece,

não constituem a mais accessível estrada para a intelligencia. Todos os esforços do mestre devem convergir para que o sentido visual seja posto em exercicio como chefe, emquanto que a audição e o tacto serão seus auxiliares.

O papel do professor é, então, conduzir o alumno a observarmeticulosamente, fazendo com que não lhe passem despercebidas as circumstancias varias que lhe possam interessar.

Releva, pois, proceder com a maxima habilidade, fazer com que a criança veja, sinta, tenha diante de si os objectos ou factos, cujas qualidades servirão de auxiliares na transmissão de conhecimentos, e só empregar a denominação scientifica, só usar nomes technicos, depois que a classe já está, antecipadamente, senhora de sua significação.

Só, assim, conduzida a criança pela força da observação, que é o melhor dos mestres, poderá ella ter a comprehensão nitida, a assimilação perfeita, o verdadeiro conhecimento do que se lhe pretenda ensinar.

Para se chegar a tanto, porém, é necessario banir por completo a idéa de ensinar muito, cousa que frequentemente empolga o professor, exigindo um grande esforço para combatel-a.

Não se illuda o mestre, suppondo que será capaz de inculcar ao mesmo tempo em um cerebro infantil varias noções independentes. Dentro em pouco sua desillusão seria completa: o desanimo teria assoberbado toda a turma. Faz-se mister, para ensinar bem, ensinar pouco e paulatinamente.

Parte importante é também saber o mestre se servir de todo e qualquer ensejo, para aperfeiçoar, polir, e, não só isto, ampliar, enriquecer o vocabulario da criança, quer corrigindo os erros innumerados que se apresentam nas palestras, quer substituindo as expressões puramente infantis por outras mais elegantes ou mais adequadas, quer ensinando novos termos, cujo emprego será logo fartamente exemplificado.

De ordinario, ou por acanhamento, ou por deficiência de desenvolvimento mental, ou, muitas vezes, por influencia

do meio acanhado, tem a criança dificuldade em exprimir-se.

Convém, pois, que o mestre aproveite toda e qualquer oportunidade para preparar sua turma, de modo a aparelhal-a com os elementos necessarios á entrada, segura e proveitosa, em uma vida mais ampla, em um ambiente mais complexo, que o de uma simples classe elementar.

JARDELINA RODRIGUES DA SILVA.  
(Da Escola Nilo Peçanha).

## Um problema interessante

A carencia absoluta de espaço em nossos ultimos numeros obrigou-nos a retardar até agora a publicação da solução do problema, cujo enunciado demos sob o titulo acima, solução firmada com o pseudonymo de Amyntas e á qual já nos referimos em numero anterior.

Chamemos A a idade do ouvinte, ou mais moço, na época presente; B a do orador, ou mais velho, também no presente; B-A será a diferença das idades.

Compreende-se, pelos termos do problema, que essa diferença é o periodo de tempo, tanto para o passado como para o futuro, em que se realizam as occurencias enunciadas.

E' facil concluir que a idade do que ouvia, na época do passado, é igual á sua propria idade, no presente, diminuida da diferença das idades, isto é, igual a  $A - (B - A) = A + A - (B + A - A) = 2A - B$ .

Tendo o orador, no presente, o dobro da idade que tinha o ouvinte, no passado, a idade B será igual ao dobro da idade dada pela expressão anterior, isto é,

$$B = 2(2A - B) = 4A - 2B, \text{ donde } 3B = 4A$$

$$\text{ou } A = \frac{3}{4}B.$$

A idade do orador, no futuro, será igual á sua propria idade, no presente, accrescida da diferença das idades, isto é,

$$B + B - A = 2B - A$$

e a idade do ouvinte, do mesmo modo, será

$$A + B - A = B$$

Sommando estas duas idades, que são eguaes, sobe-se a 108 annos na época futura, tem-se

$$2B - A + B = 108 \text{ ou } 3B - A = 108.$$

$$\text{Ora, conhece-se que } A = \frac{3}{4}B;$$

logo, pode-se escrever:

$$3B - \frac{3}{4}B = 108 \text{ ou } \frac{12B}{4} - \frac{3B}{4} = 108$$

donde

$$9B = 109 \times 4 = 432 \text{ ou } B = 48 \text{ annos.}$$

Conhecida a idade B, a idade A será

$$A = \frac{3}{4}B = 36 \text{ annos.}$$

Pode-se, então, responder que:

1º) — A época do passado a que se refere o orador era a de 1917 — (48-36) = 1905;

2º) — A do futuro será a de 1917 + (48-36) = 1929;

3º) — A idade da pessoa que falava em 1917 era de 48 annos;

4º) — A da pessoa com que falava era, em 1905, de 24 annos; em 1917, de 36 annos; e em 1929 será de 48 annos.

—)o(—)

## O Regato

Tu, na montanha, eu, na planicie, o dia  
Vimos na mesma terra,  
E, emquanto tu descias, eu subia  
Aos mais distantes pinheiros da serra;  
Descias alentando, a pouco e pouco,  
A planta, a flor agreste,  
Emquanto eu procurava, como um louco,  
Tocar com um dedo a cupula celeste.

A' campina chegaste. O sol, a pino,  
Tudo, rubro, queimava;  
Parecias humilde e pequenino  
A' medida que o campo se alargava;  
No entanto, ás tuas aguas murmurosas  
Outras aguas se uniam,  
Tão diminutas, tão silenciosas,  
Que nem se viam quasi, nem se ouviam.

Ora argilosas gotas, que manavam  
De quebrada entreaberta,  
Ora tenues filetes, que brotavam  
Da vertente de pandanos coberta;  
Tudo tão parco e exiguo parecia  
Que, ao todo indifferente,  
Nem no vulto das aguas influia,  
Nem te alterava o impulso da corrente.

Mas, si ás vezes o rico á dôr se dobra  
E á indigencia consola,  
A pobreza em virtudes se desdobra  
E é sempre o pobre quem dá mais esmola.  
Assim, também, modesto e despresado,  
Na róta que levavas,  
Eras rico thesouro accumulado,  
Que indifferente e prodigo espalhavas.

Ao teu bafejo a vida resurgia  
No campo abandonado;  
A bromelia fibrosa revivia  
Junto ao cardo de pontas eriçado.  
O branco lyrio os ares perfumava  
Como um sopro divino,  
A palmeira os pennachos agitava  
Nos extremos do fuste alto e mofino.

As boninas e as leves trepadeiras  
Exultavam de alento;  
Em relva humilde ou plantas altaneiras  
Era o mesmo frescor ao sol e ao vento;  
Da graminea feliz entre os verdoros,  
A' hora vespertina,  
Ouviam-se os insectos multicôres  
No seu hymno de amor pela campina.



Das moraceas a typica figueira  
Esgalhava-se ovante,  
Dando pouso á avesinha forasteira,  
Sombra e descanso ao tardo viajante;  
A imbaúba elegante o tronco erguia,  
Alvejando no espaço,  
Emquanto, em baixo, a hera se lhe unia  
Em fraternal e duradouro abraço.

Dos helenios as hastes corôadas  
Vistasas se irmanavam;  
A guaxima e as piteiras alentadas  
Mais verdes na verdura se mostravam.  
A typhacea vivaz, que o colo alçava  
Espaços conquistando,  
Já em grupos unidos se ostentava  
Como aos usos dos homens se apre-  
[stando.

De Céres, cuja ausencia nos aterra,  
Todos os dons se viam  
Nos tractos antes aridos da terra  
Que aos labores humanos resistiam;  
Da laranjeira o galho, que oscillava,  
De flores se cobria;  
Flor — que em favos a abelha transfor-  
[mava,  
Flor — que em frutos o tempo convertia.

Aqui, arbustos, arvores frondosas,  
Gramineas se alastrando,  
Borboletas em voltas caprichosas,  
Em torno das boninas adejando;  
Ali, a messe, que inda o orvalho rega,  
Attestando, na serra,  
Que só é sabio aquelle que se entrega  
Ao labor systematico da terra;

Além, o gado manso ruminando  
Junto á sebe florida,  
A riqueza dos campos augmentando,  
Como alento de vida á propria vida;  
Mais longe, da folhagem na espessura,  
Dum ramo a outro ramo,  
Aos arrulhos dos pombos se mistura  
O canto matinal do gaturamo.

Vida, alegria, calma venturosa  
Em sólo antes ingrato;  
Obra, não de corrente caudalosa,  
Mas de sereno, humilimo regato,  
Cujas aguas sonoras colleando,  
Ora em manto, ora em friso,  
Qual obreiro do bem, fazem, cantando,  
Dum arneiro um formoso paraizo.

Mas, eu, que de ser homem me orgulhava  
Em vão, em vão subia;  
Quanto mais na montanha me elevava,  
Mais o céu que eu buscava me fugia.  
Desci tambem, que é tudo quanto alcança  
O fragil ser humano;  
Ao subir arrastava-me a esperança,  
Ao descer me acenava o desengano.

Mas, porque não trazer o Céu á Terra,  
Céu com o mesmo esplendor!  
Pois, si é no amor que todo bem se en-  
[cerra  
Façamos nosso céu do proprio amor.  
Contra o mal na peleja decidido,  
Busque o homem acertar o passo incerto,  
E cada coração de amor unguido  
Seja sempre na terra um céu aberto.

Mas, o tempo passou. Junto do arroio  
Flores desabrocharam;  
Colheu-se o trigo, despresou-se o joio,  
E novos grãos na Terra germinaram.  
Sómente a voz do amor consoladora  
Talvez não fosse ouvida;  
Era, no entanto, a graça redemptora  
E o perfume eucharistico da vida.

Como são desiguaes os dous destinos,  
Do homem e do regato!  
Um desperta, a cantar, bençãos e hymnos,  
Por mais que passe sobre solo ingrato;  
Outro, em lucta titanica empenhado,  
Si pelo bem aneia,  
Morre da propria idéa torturado,  
Vendo a terra expellir o que semeia.

Mas, não! que os dous destinos se parecem,  
A mesma força os guia,  
A's mesmas leis eternas obedecem  
Nas tres phases da longa romaria!  
Nenhum prosegue a róta começada,  
Só o acaso os conduz,  
Tanto pela vereda illuminada,  
Como pelos reconcavos sem luz.

Um, si a marcha monotona adianta,  
Logo se vê mesquinho;  
E' o rochedo que em frente se levanta,  
Obrigando-o a tomar novo caminho.  
E vae de charco em charco torturado,  
Soffrendo a sorte amára,  
Até que um dia, já purificado,  
Tome de novo o rumo que deixára.

Outro, dos proprios homens perseguido,  
E' pobre folha ao vento,  
Agora, vencedor, logo vencido,  
Mittiga-lhe um tormento, outro tormento.  
E só porque a fortuna é sempre infensa  
Em vida aos lutadores,  
Sobre o sonho se abate a indiferença  
Com que o homem se ri de humanas  
[dôres!

Mas, si da lympha a obra redemptora  
Breve surge do nada,  
A do homem é scentelha promissora  
Duma remota e lucida alvorada,  
Porque o sonho é o embryão, em noite  
[escura,  
De aurora resplendente;  
Ao passado o presente se mistura,  
Vae-se o sementeiro fica a semente.

Homem, arroio, á mesma lei jungidos,  
O mesmo bem propagam,  
Deixando nos desertos percorridos  
Reverbéros de luz, que não se apagam;  
E só no turbilhão, que a vida encerra,  
Buscam repouso dum labor insano,  
Um, nas entranhas humidas da terra,  
Outro, no seio immenso do oceano.

E talvez que de todo se apartando,  
Para viagem de missão secreta,  
Passe o mesmo regato murmurando  
Sobre as cinzas esparsas do poeta,  
Cuja vida, de novo alimentada  
Da luz divina, por clarões dispersos,  
Ande em obra de merito empenhada,  
Mais duradoura que estes pobres versos...

S. Lourenço, Minas, 1920.

SILVA MARQUES.

—)o(—

## ATRAVEZ DAS REVISTAS

### A disciplina na escola

A disciplina é necessaria; a ella de-  
vemos habituar os nossos alumnos, fa-  
zendo-os comprehender o seu valor, para  
que á mesma se submettam, sincera e  
permanentemente. Com a segurança in-

fallivel do instincto, elles verão logo a  
sua necessidade.

Que o professor seja energico; que  
reprima, sem violencia, as primeiras ten-  
tativas de indisciplina, tomará assim junto  
dos alumnos uma attitude prestigiosa:  
será o Mestre.

Mas, fazer do temor o unico movel  
da obediencia, seria retroceder a um pro-  
cesso rudimentar de educação, que crea-  
ria revoltados ou automatados, conforme os  
temperamentos. Quando o professor ti-  
ver bastante autoridade sobre os seus  
alumnos, deverá esforçar-se por ganhar a  
confiança dos mesmos. Mais que punir,  
deverá recompensar. A punição só póde  
deter; a recompensa estimula.

Abstenhamo-nos de attitudes hostis,  
que provoquem da parte dos alumnos  
uma represalia. Devemos mostrar-lhes  
que os amamos, que desejamos a sua fe-  
licidade. «Que lhe posso ensinar, si elle  
não me estima», dizia Socrates de um de  
seus discipulos. O ensino não será pro-  
fiquo si não houver na classe reciproca  
sympathia entre mestres e alumnos. Não  
poupemos elogios aos que se esforçam,  
ainda e sobretudo, aos alumnos mais in-  
disciplinados; mostremo-lhes nossa satis-  
fação quando andam bem e mostremo-  
nos contrariados quando somos obriga-  
dos a punil-os. A punição será tanto  
mais efficaz quanto menos frequente, por-  
que contrastará com a nossa habitual  
benevolencia.

Sejamos calmos e senhores de nós  
mesmos. Devemos banir os gritos, a co-  
lera, que fazem exaggerar os castigos.  
Este systema torna-se infructifero e nos  
faz ridiculos aos olhos das crianças cuja  
malignidade incita. Não nos offendamos  
diante da obstinação de um alumno.  
Deixemos passar os amuos, os movi-  
mentos de máo humor, que o tornam des-  
attencioso e insensivel ás admoestações.  
Mais tarde, no fim das aulas, chamemos  
a sua atenção, façamos com que elle se  
envergonhe da sua conducta. E' o unico  
meio de mantermos o nosso prestigio  
junto de todos e de conseguirmos, pela  
paciencia e bondade, a submissão dos  
alumnos entrincheirados na sua teimosia.

Devemos ser moderados na maneira  
de advertir: nada de fazer espirito. A  
criança é sensivel aos remoques e arris-  
camo-nos, com elles, a desencorajal-a.  
Com o elogio e a recompensa, façamos



com que ella tenha confiança em si; que se não convença de errar antes de começar! A bilha que o menino quebrou, só porque Eyssette o convenceu disso, é um bello exemplo do resultado colhido pelos motejos como meio de educação.

Ao mesmo tempo que a da obediencia, cumpre desenvolver na criança a noção da responsabilidade. Devemos dar-lhe pequenas tarefas quotidianas (apagar o quadro negro, distribuir os cadernos, as canetas, os lapis, etc.). Ella fará isso com prazer e estes encargos a habituarão á obediencia e á responsabilidade.

A despeito de todos os esforços, obedecer e trabalhar é sempre penoso, porque nos contraria os caprichos e preguiça. Mostremos á criança que tudo no universo obedece a leis necessarias, immutaveis (leis physicas, leis biologicas, leis sociaes), leis naturaes que o homem descobre e applica, mas que não póde infringir sem graves consequencias; as leis

sociaes, indispensaveis ao progresso humano; a lei militar, tão rigorosa á primeira vista e todavia necessaria, são outros tantos exemplos que tocarão a imaginação dos nossos alumnos e gravarão na sua idéa o principio da submissão, consciente e reflectida, que constitue, segundo Pascal, a superioridade do homem intelligente sobre a natureza cega.

Assim, levaremos a criança a reflectir sobre a sua obediencia e fugiremos ao perigo do automatismo e da passividade. Deste automatismo mesmo poderemos tirar algumas vantagens sem offender a personalidade do menino. A gymnastica, os movimentos conjuntos, as sahidas em ordem acabarão por habitual-o á obediencia. Partindo do esforço penoso e pesado, a criança chegará ao esforço consciente e depois ao esforço habitual, que é o fim e o valor supremos de toda educação.

HELENA.

## ESCOLA NORMAL

### Geographia

Ponto n. 9

*Summario—As aguas continentaes. Os cursos d'agua. Bacias fluviaes. Regimen dos cursos d'agua e factores que nelle influem. Lagos e sua classificação.*

As aguas continentaes provêm das chuvas e da fuzão das neves accumuladas nas altas latitudes e nos cumes das elevadas montanhas. Quando as chuvas cahem sobre um sólo impermeavel, as aguas escorrem pela superficie, segundo as linhas de menor declive do terreno, em corredeiras, que escoam pelos fundos dos valles, ou se reprezam em bacias naturaes. Si, porém, as aguas das chuvas cahem sobre um sólo permeavel, que as absorva, ellas penetram através das camadas permeaveis, reunindo-se em lençóes subterraneos mais ou menos extensos. A agua dos lençóes subterraneos não raro aflora á superficie do sólo em fontes, por onde ella se escoa, de accordo com as condições do declive do terreno.

Os cursos d'agua originados das fontes, de regimen mais ou menos regular e permanente, são os rios, e os formados pelo escoamento das bacias de reprezamento das corredeiras, ou pelas aguas reunidas pela confluencia dellas, são as torrentes, em geral, definidas pelo seu caracter temporario e pela violencia da sua correnteza.

As aguas resultantes da fusão das neves escoam-se pela superficie e, ou são absorvidas pelo terreno, indo alimentar os lençóes subterraneos,

ou constituem corredeiras, que vão engrossar as tofrentes e os rios de montanha.

Os rios definem e caracterizam o relevo das regiões que elles atravessam; é, de facto, em virtude do declive e do relevo do terreno, que as aguas de uma região correm a alimentar o curso de um determinado rio. A porção do territorio, dentro do qual todas as aguas correm para um dado rio, constitue a bacia fluvial desse rio. A separação entre as bacias fluviaes faz-se por uma linha divisoria das aguas, constituida, ora por uma linha de cumes de montanhas, ora por simples ondulações nas superficies dos planaltos e das planicies.

Os rios caracterizam-se pelo seu regimen, e este é definido pela differença entre as alturas das aguas de estiagem ou de vazante e das de enchente. O cavado do terreno, ou leito por onde corre habitualmente um rio, pode não comportar as aguas da enchente, que, então, transbordarão do seu leito ordinario, ou leito menor, passando a occupar uma superficie, maior ou menor, estendendo-se ao longo de uma e outra margem, segundo os accidentes de relevo do terreno. Esse leito das enchentes é denominado leito maior.

O regimen dos cursos d'agua depende de varios factores, entre os quaes deve ser considerado, em primeiro logar, a proveniencia das aguas de alimentação.

E' assim que os rios dependentes da fuzão de neves têm a sua cheia na primavera, como, por exemplo, os da Russia meridional; os que depedem de fusão de geleiros têm cheias de verão, como os grandes rios dos Alpes, entre os

quaes devem ser citados o Rheno e o Rhodano; os rios que dependem de chuvas e neves, como o Pó, por exemplo, oferecem o espectáculo de duas cheias, as da primavera e do outono, aquellas devido á fusão das neves, e estas á influencia das chuvas; os rios que dependem de chuvas periodicas, como os da zona tropical, têm o seu regimen directamente influenciado por essa circumstancia e outras da região equatorial, como, por exemplo, o Amazonas, correndo um pouco ao sul e quasi parallelamente ao equador, têm os seus afluentes da magem direita, vindos do hemispherio Sul, e os da esquerda, vindos do hemispherio Norte, circumstancia de que resulta um periodo de cheia, prolongando-se pelas quatro estações do anno, pois que a época de vazante para os afluentes de uma das margens corresponde á de enchente para os da outra, tendo assim o curso principal um regimen de interferencia.

Outro facto que muito influe sobre o regimen dos rios é a natureza do sólo por onde elles correm. Quando o terreno é impermeavel, si o declive do leito é pequeno, as aguas tendem a se estagnar, formando pantanos, e voltam, em grande parte, á atmospheria, pela evaporação; si o declive do leito é sufficiente para o regular escoamento das aguas, o regimen caracteriza-se pela rapidez com que ellas sobem nas cheias, pela influencia das chuvas, e descem nas vazantes, quando cessam as precipitações athmosphericas.

Quando o terreno é permeavel, as aguas infiltram-se pelo sólo, formando lençóes subterraneos, cujas aguas voltam á superficie pelas fontes, donde se origiuam cursos d'agua de regimen natural, caracterizados pelas cheias lentas, duraveis, e nas quaes a altura das aguas apresenta poucas variações.

O declive do terreno e a velocidade de escoamento das aguas, directamente dependente do declive, influem de modo notavel sobre o regimen dos rios, pois, quanto maior são um e outro, menos duravel é o periodo das cheias e mais rapido o escoamento das aguas extraordinarias que ellas acarretam. A drecção do curso e o perfil do leito são tambem influenciados pelas condições do delive e relevo do terreno.

Para concluir, isso basta comparar, por exemplo, o Volga, o Mississipi, o Indus, o Ganges e o Amazonas, com o Rhodano e mesmo com o Téjo e o Douro.

As florestas tambem influem sobre o regimen dos rios, pelo papel regulador por elles desempenhado no regimen das chuvas e das fontes.

Convém, ainda, accentuar um facto importante, que, muitas vezes, intervém no regimen dos rios: é a acção dos lagos por elles atravessados ou que nelles despejam suas aguas, como tributarios.

O conhecimento do regimen de um rio e dos factores que nelle intervém deve ser completado por algumas outras indicações de não menos interesse sob o ponto de vista geographico; são as relativas aos caracteristicos do perfil do leito, da sua direcção e das condições de sua embocadura.

Deve ser assignalado que os rios de ac-

centuadas sinuosidades ou meandros, por essa simples circumstancia, podem offerecer interessantes indicações sobre o declive do terreno por onde elles correm, como que uma embocadura em estuario mais ou menos largo e profundo, ou em delto formado por maior ou menor numero de braços, permite conclusões não só referentes ao regimen do rio, como ao das correntes maritimas do littoral onde elle desemboca.

O estudo das embocaduras dos rios não deve, aliás, se reduzir ao exame da condição determinante de uma e outra das duas modalidades indicadas. Convém considerar de modo especial os diversos typos de deltas, assignalando a natureza dos accidentes que cada um delles caracteriza.

Igualmente, convirá no estudo dos lagos, entrar na indagação das suas differentes especies, distinguindo os lagos tectonicos ou resultantes de deslocamentos da superficie terrestre, geralmente allongados no sentido das fracturas, como os grandes lagos africanos, o lago Baikal e os lagos da Escossia; os lagos de erosão e de arrosão, em geral pouco extensos e pouco profundos, como os da Australia; os lagos devidos ao dessecamento e evaporação, como o mar Caspio, o mar de Arol; os lagos de barragens, devidos uns á acção glacial, outros á acção vulcanica, outros ainda a varias outras causas. Entre os devidos á acção glacial, em geral pouco profundos, que devem ser citados, são os da Finlândia e os da Suecia; entre os originados da acção vulcanica, os existentes no massiço central francez.

Além das classes que ficam citadas, convém considerar uma, a dos lagos de origem mixta, entre os quaes se contam os grandes lagos sul-alpinos e os grandes lagos da America do Norte, tributarios do rio São Lourenço.

I. A.

—)o(—

### Instrucção moral e civica

#### RESUMO DE AULA. III PONTO

*A ira, a inveja e a preguiça, a soberba e a vaidade; sua influencia social. Educação da vontade. A educação e os deveres: a cortezia, a honestidade, a justiça e a honra.*

Para nós, que professamos o Catholicismo, e, ardentemente, trabalhamos para que o homem, de qualquer condição social, observe os seus preceitos, só houve, no mundo, um homem, que se destacou dos seus semelhantes, pela pureza dos seus sentimentos e perfectibilidade dos seus predicados: esse homem foi Jesus Christo—o pregoeiro da grande philosophia, que, no conceito de Frei Sil-



vado, preservou o mundo da tyrannia, que se alimenta e se fortalece da corrupção, do suborno e da impudencia.

Portanto, os demais homens e mulheres que povoam essa terra, tão repleta de surpresas amargas, de enganamentos dolorosos, e de seres que diversificam em o modo de agir e de cumprir os deveres sociaes, embora possuam algumas virtudes apreciaveis, estão, todavia, sujeitos ás contingencias que induzem o homem a trilhar a senda prohibida pela moral.

Entretanto, taes fraquezas, que, ás vezes, levam o homem a commetter desatinos e a desrespeitar os mandamentos da moral religiosa, podem ser neutralizadas pela acção benefica de uma sadia educação; e não é difficil, tenho-o sustentado sempre, com a convicção adquirida com os estudos e observações dos competentes, corrigir os homens, cuja infancia transcorreu no mais completo abandono moral e material.

Ora, si os próprios machinismos, que auxiliam a acção humana no aperfeiçoamento das industrias, e, por conseguinte, na conquista do pão quotidiano, podem ser concertados, transformados em outros objectos de maior utilidade, por que, pois, duvidar da possibilidade de emendar caracteres, que, jamais, sentiram a influencia bemfazeja de sadia convivencia?

E' a ira uma paixão condemnavel, que rouba ao homem a necessaria calma para agir e deliberar: de sorte que o homem irado obedece aos impulsos da violencia e não attende a considerações, nem a conselhos dos seus mais intimos amigos.

O homem irado não comprehende o alcance dos seus actos: é uma especie de automato, que caminha sem saber até onde o levará a ira que se apoderou do seu ser; e, neste estado deploravel, é elle capaz de commetter actos de requintada maldade, de que virá, mais tarde, a se arrepender.

O poeta Horacio considerava a colera uma loucura passageira:—*ira furor brevis est*; a Igreja catholica incluiu-a

entre os peccados mortaes, e o immortal florentino, cujo sexto centenario da sua morte, em Ravenna, o mundo civilizado acaba de commemorar com maximo esplendor, reservou o quinto circulo do inferno aos que viveram dominados pela colera e agiam sob o seu imperio.

Ha, no museu de Luxemburgo uma bellissima tela de Eugenio Delacroix representando o tormento que Dante imaginou para os irasciveis: quizeram as sombras dos furiosos impedir a passagem da barca, pilotada por Flegias, que conduzia Dante e Virgilio ao sexto circulo do inferno: e uma dellas—Felippe Argenti, agarrando-se á popa da barca, tenta devorala com os dentes.

Não se conteve o grande poeta e exprobo-lhe o procedimento: *fica na lama, espirito maldito, eu sei quem tu és*. Virgilio abraçou Dante e exclamou:

.....*alma sdegnosa,  
Benedetta colei, che in te s'encinse*

(alma capaz de indignação generosa, eu bemdigo aquella que te gerou; este homem, orgulhoso e feroz, jamais teve em vida um gesto de piedade.)

A colera que se condemna, pela serie immensa de maleficios que acarreta ao homem e á sociedade é exactamente aquella que nasce do ciúme, do despeito, da inveja, do orgulho balofo, da ambição desmesurada, dos desejos espurios que se aninham nas imaginações doentias, dessas paixões grosseiras, emfim, que tornam o homem capaz de commetter a mais abominavel acção; mas, a colera que se manifesta, em algumas situações, que provocariam immediata repulsa dos mais impassiveis temperamentos, essa, sim, não humilha, nem degrada o individuo. Não se pode o homem, em certas occasiões, conservar indifferente; elle precisa de agir, para mostrar que no seu peito palpita um coração, que, absolutamente, se não conforma com as injustiças e as torpezas de seus proximos; elle precisa de reagir, para manter illesa a sua dignidade pessoal, evitando, assim, com a sua repulsa altiva, que amesquinhem

a sua reputação aquelles que jogam a insolencia e a calumnia como armas de subsistencia material. A ira, oriunda da legitima defesa da vida, da honra, do patrimonio moral e material, essa é uma ira que dignifica o homem, porque soube elle manter-se cioso das suas prerogativas, revelando-se, ainda, capaz de sacrificar-se pela defesa e integridade da sua Patria. Possui a literatura brasileira, um bellissimo soneto de Frei Bastos—homem desviado das suas inclinações naturaes, um condemnado do claustro, um suppliciado do meio em que vegetou—segundo se exprimiu Sylvio Romero—que admiravelmente descreve o soffrimento que leva a alma a se exasperar:

Si um homem houver, no mundo, ho-  
[mem tão forte,  
Que possa ver, em sua casa entrando,  
Malfeitores crueis, assassinando  
A cara filha, a candida consorte;

Si um tal homem houver, que, sem tran-  
[sporte  
Veja o céu rubros raios vomitando,  
O mar pelos rochedos atrepando,  
A terra inteira a bracejar com a morte;

Appareça esse heróe assim disposto,  
Que lhe quero mostrar por dentro o peito  
E quero lhe não mude a côr do rosto!

Ha de cahir em lagrimas desfeito,  
Vendo o meu coração pelo desgosto  
Em mil rupturas e pedaços feito...

O que se recommenda em beneficio proprio do homem e da sociedade, onde se estabeleceu elle e constituiu a sua familia, é exactamente combater as causas que podem gerar a colera injusta:

As bebidas alcoolicas excitam bastante o homem, e, sob a sua influencia, elles tornam-se irasciveis, violentos nos gestos e nas palavras, e capazes, por conseguinte, de commetter crimes horrendos.

Alexandre Magno, affirmam os historiadores, encontrava-se completamente embriagado quando matou o seu amigo Clitus. O jogo é, tambem, outra causa determinante da colera, por isso que

o jogador inveterado, principalmente, quando é mal succedido nas suas apostas e lances, fica desvairado, quer resarcir os prejuizos e não hesita em obter qualquer quantia para a espalhar no panno verde.

A inveja e o orgulho—graves defeitos que envenenam o coração humano, alterando-lhe os rythmos consoante á moral dos interesses—são, inquestionavelmente, factos primaciaes da colera, pois, o invejoso e o orgulhoso constituem a classe dos seres que se irritam com o triumpho dos seus semelhantes e porfiam em amesquinhal-os, revoltando-se todas as vezes que elles são elogiados.

Desenvolvendo-se no adolescente a prudencia e inculcando-se-lhe no animo as lições de polidez e uma serie de maximas salutaes, que confortam a alma, não obstante a serie de desgostos que a feriram, pode-se formar uma geração de individuos, que saiba evitar os perigos da colera injusta, que se não confunde, por certo, com o resentimento espontaneo attenuado pelo philosopho escocez, uma vez que tal resentimento não deixa na alma de quem o sente residuos de veneno ou de vingança.

Devemos evitar a colera; ella despoja o homem das faculdades intellectuaes e moraes e pode, algumas vezes, enfraquecer-lhe a reputação, desprestigiando-o perante a sua familia e os seus concidadãos.

Ah! que jamais mon âme, a tes transports  
[livrée  
De tes noirs vapeurs ne se trouve envirée,  
Implacable colére, indomptable corroux,  
Des fiers tyrans du cœur le plus cruel de  
[tous.

Esses versos do grande Chateaubriand exprimem o voto que deveriam prestar todos aquelles que, atravez de leituras honestas, podem aperceber-se dos funestos effeitos da colera injusta.

E' o invejoso um ser que se não satisfaz, nunca, com os proventos que alcança e a alegria que experimenta; pois, vive sempre a indagar da vida do seu semelhante, para comparal-a á sua... e lamentar os triumphos alheios. Nada de

Chocolate e Café Só **ANDALUZA**

FABRICA — RUA DOS ANDRADAS, 23 — RIO DE JANEIRO



bom produz o invejoso ; consiste a sua unica e principal preocupação em exacerbar-se; quando vê corôado de exito o esforço do seu proximo. Sente o invejoso uma verdadeira contrariedade, quando ouve elogios á conducta de um individuo qualquer ; nunca se encontra disposto a auxiliar a actividade de ninguem, e, si lhe fosse possivel enfeixar, nas suas mãos, as riquezas de um Cresus, a sabedoria de um Aristoteles, a auctoridade de um Cezar ou de um Napoleão, certamente, não trepidaria em commetter o mais horripilante crime para o conseguir. Portanto, é a inveja uma das mais condemnaveis paixões que atormentam o homem, obrigando-o a representar papéis degradantes ; e o invejoso considera-se deminuido e prejudicado com os favores que se dispensa a outro qualquer ser humano, uma vez que se julga elle com o direito inalienavel de merecer tudo dos seus semelhantes.

O invejoso considera rivaes e inimigos aquelles que, pelo seu merito proprio ou grande protecção, logram ver realizados os seus desejos ; dahi a serie de desgostos que atropelam a existencia do invejoso, que, incompatibilizado com os seus semelhantes, não pode pedir-lhes qualquer allivio, nem solicitar-lhes a sua amizade.

Produz, tambem, a inveja graves desordens organicas, por isso que o invejoso, dominado por uma quantidade de desejos irrealizaveis, fica como que superexcitado, só obedecendo aos caprichos que a sua mente doentia phantazia para lograr a plena satisfação das suas ambições espurias.

A physionomia do invejoso cedo demonstra a serie de amarguras que lhe corroem a alma, e o figado é um dos seus órgãos, que maiores prejuizos soffre ; pois, a quantidade de bilis que expelle é consideravelmente superior áquella que se observa nos temperamentos normaes.

Alimentada pelo egoismo, que des envolve no homem um exagerado culto

ao amor-proprio, a inveja até sangrentas guerras, que depauperam os cofres do erario publico e retardam o aperfeiçoamento das sociedades, e arrasta, outrossim, os homens ao campo das competições pessoaes, onde o sentimento da dignidade é substituido pelos interesses mesquinhos, que seduzem e empolgam as almas gananciosas. O poeta Ovidio descreveu, em magnificos versos, a inveja, e o escriptor Rousseau, em se aproveitando dos conceitos do grande vate latino, compoz os seguintes versos :

monstre ennemie des mortels e du jour,  
qui de soi-même est l'éternel voutour  
et qui trainant une vie abattue,  
ne s'entretient que du fiel qui le tue.

A inveja, portanto, que é causadora de abominaveis acções, uma vez que o invejoso não escolhe meios para saciar os seus bastardos caprichos, precisa de ser combatida no lar e na escola, principalmente, afim de que a criança adquira bastante energia moral para não se deixar dominar por aquelle horrendo vicio. E' necessario que a criança tenha desejos de illustrar a sua intelligencia, para alcançar excellentes posições e obter meios para viver honestamente e sem dependencia de ninguem ; é indispensavel que a criança tenha nobres ambições, que se fortalecem á proporção que augmentam seus conhecimentos, mas, deve-se preservar a criança da inveja, que envenena o coração e empesta o ambiente em que desabrocham suas inclinações.

Todo o ser humano luta para melhorar as suas condições materiaes de vida ; mas, essa luta ennobrece o homem e engrandece a sociedade, porque é uma luta em que se usam das armas admittidas pela honestidade e forjadas pelo trabalho sadio e intelligente.

ALFREDO BALTHAZAR DA SILVEIRA.

(Continúa.)

**CASA DAS NOVIDADES**

**LUVARIA GOMES**

Meias. luvas, leques. bolsas. carteiras. rendas. fitas. calares. pulseiras. brincos e chapéus para meninas e senhoras.

A's Exmas. professoras municipaes faz-se o desconto de 10%

38, Travessa S. Francisco, 38

## III-LIÇÕES E EXERCÍCIOS

### EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

5.º Ponto: A Constituição e a lei. O que são. Respeito a uma e a outra.

Este ponto tambem já foi dado n'«A Escola Primaria», com os tres desenvolvimentos, para o 3º, 4º e 5º annos — ns. 7 a 10 relativos ao periodo de Agosto a Novembro de 1920. Convém acrescentar-lhe apenas, para ficar mais de accordo com o titulo deste programma, uma rapida idéa do que é lei e insistir pelo respeito com que devemos cultivar a Constituição e a lei.

6º Ponto: Governo. Monarchia e republica. O Brasil republica.

Desenvolvimento para o 3º anno — Governo é o conjunto de instituições que servem para dirigir o paiz, cuidando do interesse geral dos cidadãos.

O governo é exercido por individuos chamados membros do governo ou funcionarios publicos. Cada um destes tem o seu trabalho especial, em um ramo dos serviços publicos, que são muitissimos, (Exemplificação).

Ha duas formas de governo: monarchia e republica.

Na monarchia existe um chefe, rei ou imperador, que governa o paiz. A elevação desse chefe ao poder faz-se por hereditariedade, pois herda a corôa o filho mais velho do rei.

Na republica, o chefe do governo, que se chama presidente, é um cidadão qualquer, escolhido pelo povo, em eleição. (No correr da lição rapida idéa do que é eleição).

O Brasil é uma republica. Foi monarchia até 15 de Novembro de 1889, quando foi proclamada a republica.

Desenvolvimento para o 4º anno — (1º ponto do programma desse anno: Monarchia e republica unitaria e federativa. O Brasil federação).

Repetição da materia do 3º anno, com alguma ampliação na idéa de go-

verno e na differenciação entre monarchia e republica.

A republica pode ser unitaria ou federativa:

Na republica unitaria existe um governo central, de que é chefe o presidente da republica, e todo o paiz é dirigido por esse governo ou por individuos nomeados por elle.

Na republica federativa o paiz é uma federação, isto é, fica dividido em estados ou provincias, cada um dos quaes tem o seu governo especial, independente, exercido por funcionarios eleitos pelos habitantes do logar; além desses governos locaes ha, então, um governo central, ou governo federal, que se occupa dos interesses geraes do paiz, isto é, do que interessa á nação inteira, tanto a uns estados como aos outros.

O Brasil é uma republica federativa: seus estados tem governo autonomo e possui um governo federal, além dos estadaes.

Para o 5º anno basta acrescentar a idéa de monarchia absoluta e constitucional. O mais como no 4º anno.

Maria R. Campos.

## HISTORIA

4º ANNO

### Expedições Exploradoras

Os ultimos annos do seculo 15 e os primeiros do seculo 16 marcaram para Portugal a época mais brilhante de sua historia.

O impulso dado ás navegações foi corôado de exito, tendo Portugal a gloria de ver sob sua bandeira regiões riquissimas, cuja conquista trouxe-lhe a prosperidade.

Diogo Cão descobre o Zaire (Congo) e toda a costa de Angola (1485); Bartho-



lomeu Dias dobra o Cabo da Bôa Esperança; Vasco da Gama encontra o caminho marítimo das Índias; finalmente, Cabral descobre o Brasil.

Occupava o throno portuguez D. Manoel 1º quando, em 1500, a frota commandada por Pedro Alvares Cabral foi ter á Bahia, sendo a nova terra descoberta incorporada ao dominio de Portugal.

A noticia do descobrimento foi transmittida a D. Manoel, que scientificou ás nações européas o grande acontecimento.

A França não reconheceu o direito de Portugal sobre o Brasil, affirmando ter sido este paiz descoberto em 1488 por Jean Cousin.

Anteriormente a Cabral, o hespanhol Vicente Pinzon, em Janeiro de 1500, havia visitado parte da costa do Norte e descoberto a fôz do Amazonas.

Tendo a attenção voltada para as Índias, cujas riquezas o fascinavam, D. Manoel, nada fez para assegurar a posse da terra conquistada, resultando o novo territorio ser presa das expedições que para aqui se encaminharam, e que eram feitas quasi exclusivamente por particulares.

Dentre os navegadores que percorreram o litoral destaca-se D. Nuno Manoel, que fixou o dominio portuguez em varios pontos.

Em 1501, mais ou menos, João da Nova, navegante a serviço de Portugal, descobriu a certa distancia da costa brasileira, nas alturas do actual Espirito Santo, a ilha da Trindade e a occupou em nome do governo portuguez.

Parece certo que a 1ª expedição official (1503) foi a commandada por Christovão Jacques, marítimo portuguez, que veio com o fim de guardar as costas do Brasil e que, encontrando alguns navios francezes na bahia de Todos os Santos, metteu-os a pique.

O commando desta frota é, porém, attribuido a André Gonçalves, Gonçalo Coelho, Americo Vesputio, e ainda a outros, entre os quaes Fernão de Noronha, sendo mais provavel que este ultimo tenha sido o verdadeiro chefe, por ter sido descoberto o archipelago que tem o seu nome.

E, assim, esta expedição teria descoberto o cabo de S. Roque (16 de Agosto), o cabo de Santo Agostinho (28 de Agosto), o Rio S. Francisco (4 de Outu-

bro), a Bahia de Todos os Santos (1º de Novembro), o cabo de S. Thomé (21 de Dezembro), o Rio de Janeiro (1º de Janeiro), assim denominado por um erro de observação topographica, Angra dos Reis (6 de Janeiro), ilha de S. Sebastião (20 de Janeiro) e S. Vicente (22 de Janeiro).

Outra expedição official é a de Gonçalo Coelho, na qual parece ter vindo tambem Americo Vesputio como grande piloto. Gonçalo Coelho percorreu grande extensão da costa, desde Pernambuco, tendo fundado na Bahia uma feitoria, que recebeu o nome de Santa Cruz.

Era uma expedição numerosa e mixta, pois se compunha de náos guerreiras e mercantes. Esta expedição soffreu diversas perdas, tendo o piloto Americo Vesputio, desligando-se do commando geral, se internado pelo Brasil, para voltar depois, isoladamente, á Europa.

Depois de fundar a feitoria de Santa Cruz, Gonçalo Coelho, com as embarcações restantes, continuou o roteiro, descobrindo o cabo das Virgens, allegando ter ido á Patagonia.

A Hespanha, desejando augmentar as suas possessões, nomeou, em 1512, João Solis commandante de uma frota numerosa, para que viesse fazer explorações na America do Sul.

Este arrojado navegador percorreu toda a costa do Brasil, indo até o Rio da Prata, onde julgava encontrar um caminho que directamente fosse ter á India (Asia).

Entregando-se a explorações no Rio da Prata, foi atacado pelos indios, que o fizeram cahir numa cilada, encontrando ahi a morte (1515).

Em 1519, Fernando de Magalhães, encarregado pelo governo hespanhol de realizar a viagem de circumnavegação do globo, passou pelo litoral brasileiro, dando o nome de Bahia de Santa Luzia, por julgar tel-a descoberto (13 de Dezembro) a já conhecida Bahia do Rio de Janeiro. Em 1521, morrendo D. Manoel 1º, succedeu-lhe seu filho D. João 3º.

Vendo o novo rei que o Brasil era olhado com cobiça e que as innumeradas riquezas da prodigiosa colonia iam sendo retiradas por exploradores, que constantemente levavam para o commercio clandestino madeiras de lei e outros productos, resolveu enviar á terra de Santa Cruz

expedições destinadas a guardar as costas.

Estas expedições receberam uma organização mais segura, sendo chefe de uma dellas (1526) Christovão Jacques, que no tempo de D. Manoel realizára uma expedição ao Brasil.

Christovão Jacques fundou a feitoria de Itamaracá (Pernambuco).

Outra expedição, tambem importante, foi a confiada a Martim Affonso de Souza, que foi investido de grandes poderes, e que partiu de Portugal em fins de 1530, chegando ao Brasil em principios de 1531. Em aguas brasileiras deu combate a umas náos francezas que transportavam pao brasil, aprisionou-as, indo com a frota augmentada aportar em Pernambuco.

Dirigindo-se para o Sul, encontrou-se com Diogo Alvares Corrêa (o celebre Camurú—nafrago de 1510), na Bahia, e foi até Santa Martha (Santa Catharina), indo aportar na ilha das Palmas.

Martim Affonso muito trabalhou dando todo o seu esforço á colonização, fundando as feitorias de S. Vicente e Piratininga (ambas no Estado de S. Paulo).

Em 1525, Sebastião Cabot visitou o Sul do Brasil, desembarcando na ilha dos Patos (hoje Santa Catharina), subindo o rio de Solis, que passou depois a chamar-se Rio da Prata.

ESMERALDA M. PINTO DO CARMO.

—)o(—

## LINGUA MATERNA

1º ANNO

### Elocução

Que é uma gallinha? (*Um animal*).  
Que especie de animal? (*Uma ave*).  
Como se chama o macho da gallinha? (*Gallo*).

Conhecem vocês outros animaes que, como a gallinha, nascem, crescem, vivem e morrem junto do homem, prestando-lhe serviços ou dando-lhe alimentos? (*O cão, o boi, a cabra, o cavallo, o burro, o Perú, o pato, o ganso, o marreco, etc. etc.*).

Que denominação se dá aos ani-

maes que vivem junto do homem? (*Animaes domesticos*).

A professora apresentará aos alumnos estampas desses animaes.

Que differença notam vocês entre o cão e a gallinha, por exemplo? (*O cão tem o corpo coberto de pellos e a gallinha tem-n'o revestido de pennas*).

Quantos pés tem o cão? (*Quatro*).  
E', por isso, um animal... (*Quadrupede*).

Citem outros animaes quadrupedes... (*Gato, leão, tigre, urso, boi, carneiro, elephante, cavallo, etc. etc.*).

E a gallinha, quantos pés tem? (*Dois*).  
Como se chamam os animaes que só apresentam dois pés? (*Bipedes*).

Só as aves são bipedes? (*Não; o homem tambem o é*).

Mas, quando a gallinha vôa de um quintal para outro, que movimenta? (*As azas*).

Quantas são? (*Duas*).  
A gallinha vôa tanto quanto o pombo? (*Não*).

Por que? (*Por ter as azas curtas*).  
Com que orgão a gallinha come? (*Com o bico*).

De que se sustenta? (*Grãos, sementes, bichinhos, hortaliça*).

E o cão, com que orgão mastiga o alimento? (*Com os dentes*).

Qual é o seu sustento? (*O sustento do homem*).

Que alimento prefere? (*A carne*).  
Como se distinguem o cão e a gallinha em relação á voz? (*O cão ladra, a gallinha cacareja*).

Para que serve o cão? (*Para guardar a casa*).

A gallinha é um animal util? (*Sim*).  
Que é que se diz de sua carne? (*Saborosa e nutriente*).

A que é que se chama postura? (*Apôr ovos a gallinha*).

Que é que envolve o interior do ovo? (*A casca*).

Que substancias o formam? (*Clara e gemma*).

De que côr é a clara? (*De um branco transparente*).

E a gemma? (*Amarella*).  
Como se comem os ovos? (*Quentes, fritos, cosidos, ou em forma de fritada e de doces*).

Como se chamam os filhotes da gallinha? (*Pintos, pintinhos, pintainhos*).



E a voz delles, que nome tem ? (Pi-pilo, pio).

Teem elles o corpo coberto de penas como as gallinhas ? (Não, revestelhes o corpo uma pennuem, isto é, umas pennas muito finas e macias, que variam de côr e que lhes dão o aspecto de bolinhas de lâ desfiada).

Que nome se dá a um conjunto de pintos sahidos de um mesmo ninho ? (Ninhada).

De onde nascem os pintinhos ? (Dos ovos).

Que é preciso fazer para que delles saiam os pintinhos ? (Pôr-os a chocar, isto é, deixal-os receber o calor de uma gallinha choca).

Durante quantos dias ? (Vinte e um dias).

Uma gallinha pode cobrir muitos ovos ? (Uma duzia ou duzia e meia).

Uma duzia tem quantas unidades ? (Doze).

E duzia e meia ? (Dezoito).

Para que as gallinhas esgravatam o chão ? (Para apanhar os bichinhos, os vermes da terra).

E que faz a gallinha-mãe, quando encontra algum ? (Cacareja de um modo especial, chamando os pintinhos que se acham afastados).

Que fazem estes ? (Acodem ao chamado em busca do manjar).

Que faz a gallinha quando vê aproximar-se dos seus pintinhos um animal estranho ? (Eriça as pennas e investe contra elle de azas e bico abertos).

Por que assim faz ? (Receia vel-os atacados).

Palestras como esta poderão ser feitas diariamente, sobre animaes, plantas, objectos, scenas domesticas, scenas da natureza, etc., estabelecendo, assim, a necessaria intimidade entre o mestre e o alumno, no intuito de desenvolver-lhe a observação e enriquecer-lhe o vocabulario de um modo mais proficuo.

Terminada a palestra acima, a professora escreverá no quadro negro o trecho que se segue, para que os alumnos o copiem.

Mariazinha corre todas as manhãs ao quintal, para dar a primeira ração á bella ninhada de sua gallinha—a Branquinha. Suspende com a mão esquerda as pontas do avental e, com a direita, espalha o milho picado no gallinheiro.

A gallinha cacareja, chamando os pintinhos que se acham afastados. Correm estes, batendo as azinhas, para comer o seu bocado.

Engolem depressa os pedacinhos de milho, piando baixinho.

2º ANNO

A professora lerá, com clareza de pronuncia e de pontuação, o trecho acima. Explicará o assumpto e mandará que duas ou tres crianças o reproduzam oralmente, com perfeita comprehensão. Fará o dictado do referido trecho e, a seguir, a respectiva correccão no quadro negro, com a collaboração da classe.

Aproveitará o assumpto para exercitar oralmente a classe na distincção das palavras que exprimem nomes, qualidades e acções, de accordo com a orientação que se segue.

Mariazinha—exprime o nome da menina.

Corre—exprime a acção de Mariazinha.

Manhãs—é o nome da primeira parte do dia, do tempo que medeia entre o nascer do sol e o meio-dia.

Quintal—dá a conhecer o nome de um pequeno terreno junto a uma habitação.

Ração—exprime o nome de uma porção de alimento que se calcula necessaria para a refeição de um homem, de um animal.

Bella—exprime uma qualidade, porque diz como é a ninhada.

Ninhada—é o nome que se dá ás avezinhas sahidas de um mesmo ninho.

Gallinha—é o nome de uma ave.

Branquinha—dá a conhecer o nome da gallinha de Mariazinha.

3º ANNO

O trecho em questão poderá ser explicado e dictado ao 3º anno, para que os alumnos empreguem no preterito imperfeito do indicativo as formas puramente verbaes nelle encontradas.

A seguir será feito exercicio oral analogo ao 2º anno, porém, mais desenvolvido.

Mariazinha—é um substantivo, porque exprime o nome de uma menina ; feminino, porque só se pode dizer : a Mariazinha ; singular, porque indica uma só pessoa ; tem a forma diminutiva, porque diminue a significação do nome.

A professora recordará as desinencias do augmentativo (ão, aço, az, azio, alha, orio, astro) e as do diminutivo (inho, isto, ico, zinho, zito, etc, elho, ote, ico).

Corre—é um verbo que exprime uma acção de um ser, um acto da menina no tempo presente.

A professora fará a classe conjugar os tempos simples do verbo correr.

Manhãs—exprime o nome da 1ª parte do dia, do tempo que medeia entre o nascer do sol e o meio-dia ; é um substantivo concreto, porque nos diz o nome de uma cousa que existe por si mesma ; feminino, porque não se pode dizer : o manhã ; plural, porque indica mais de uma.

Quintal—é o nome de um pequeno terreno junto a uma habitação ; é um substantivo concreto, porque exprime o nome de uma cousa que tem existencia real ; masculino, porque só se pode dizer : o quintal ; singular, porque indica uma só cousa.

A professora recordará o plural das palavras terminadas em al ; citará as excepções : mal, males e real (significando dinheiro, réis.)

Ração—é um substantivo concreto, porque nomeia uma cousa que existe por si mesma ; etc., etc.

A professora recordará a formação do plural das palavras terminadas em ão (ãos ões, ães) e do feminino (ona, ã, oa) e as excepções : barão, baroneza ; sultão, sultana ; cão, cadella ; ladrão, ladra ; lebrão, lebre ; frangão, franga ; zangão, abelha.

Bella—exprime uma qualidade em estado normal, porque diz como é a ninhada sem idéas accessorias ; é, pois, um adjectivo qualificativo do gráo positivo ; feminino e singular, porque se refere á ninhada, que tem aquelle genero e aquelle numero.

A professora insistirá na concordancia em genero e numero do adjectivo com o substantivo. Recordará tambem os grãos do adjectivo.

Ninhada—exprime o nome de ave-

zinhas sahidas de um mesmo ninho ; é um substantivo concreto, porque..... e colectivo, porque, estando no singular, diz o nome de uma reunião de seres da mesma especie ; é feminino, porque.....

A professora recordará os collectivos.

Gallinha—exprime o nome da femea do gallo ; é um substantivo concreto, porque.....

A professora recordará o modo por que se conhece o genero das palavras : pela terminação, pela significação, pela accepção.

Branquinha—é o nome que Mariazinha deu a sua gallinha ; é um substantivo, proprio.....

4º ANNO

(Plano de redacção)

Mariazinha tem predilecção pelos animaes. Recebe um presente que muito a satisfaz—uma gallinha. Pede á mãe que guarde os ovos da sua Branquinha, para pôl-os a chocar. Na occasião propria a senhora prepara um ninho. Nelle deita a gallinha com os ovos. A menina acompanha, com interesse, esses preparativos. Aguarda, com anciedade, a sahida dos pintinhos. Sahem estes no vigesimo primeiro dia de incubação. Fica alegre a pequenita ao contemplar a bella ninhada. Prodigaliza-lhe todos os cuidados : dá-lhe diariamente milho picado, alpiste, hortaliça e agua fresca.

QUESTIONARIO

Quem é que gosta de animaes (Mariazinha)

Que presente ella recebeu ? (Uma gallinha)

Que nome lhe deu a menina ? (Branquinha)

Onde a poz ? (No gallinheiro)

Que pedido fez a sua mãe ? (Que guardasse os ovos da Branquinha)

Para que ? (Para pôl-os a chocar)

Que fez a senhora ? (Satisfez a vontade da filhinha)

De que modo ? (Preparando um ni-



inho para a Branquinha chocar os ovos, logo que a mesma interrompeu a postura)

Como acompanhou Mariazinha es- ses preparativos? (Com interesse)

Como aguardou a sahida dos pin- tinhos? (Com anciedade, desejosa que os dias passassem rapidamente)

Quantos dias a gallinha ficou no choco? (Vinte e um)

Quando os ovos appareceram pica- dos? (No vigesimo primeiro dia de incu- bação ou de choco)

Como ficou a pequenita quando viu os pintinhos fóra da casca? (Muito alegre)

Como manifestou o seu conten- tamento? (Rindo e batendo as mãozi- nhas)

Mariazinha limitou-se a admirar os pintinhos? (Não; dava-lhes todos os dias alpiste, milho picado, hortaliça e agua fresca)

Este exercicio poderá ser repetido, porém, em forma de carta. A propria menina escreve a uma sua amiga, contan- do o caso, como passado comsigo mesmo. Communica haver-lhe destinado um dos pintinhos mais lindos, e que lh'o enviará quando não se tornarem necessarios os cuidados da gallinha-mãe.

5º ANNO

Conto a terminar

Caridade

Alice mora em um bairro pobre, mas seus paes são abastados. Começaram a vida no meio da pobreza e, apesar da fortuna ter-lhes sorrído, continuam entre

os que lhes proporcionaram os meios de vida e de conforto.

Alice é o arrimo dos necessitados. Só comprehende o valor do dinheiro como vehiculo do bem. E' um coração de ouro abrigado em corpo de anjo.

Estuda com amor e pretende ser professora. Os paes não a encorajam neste intento, pois têm bem garantido o futuro da filha unica. Também não a contrariam e em breve a boa Alice ter- minará o curso de professora na Escola Normal.

As alumnas devem terminar o conto justificando o titulo e de accordo com os seus sentimentos e observando o que fi- cou dito.

A professora procurará despertar nas alumnas os melhores ideaes de caridade adaptados aos sentimentos e situação de Alice. Dirá que a moça, residindo em bairro pobre, vê as creanças sem instru- cção por falta de meios; dispondo de recursos sufficientes, entende não dever disputal-os aos que carecem; tendo o coração bem formado e o espirito culto, não quer viver inutilmente, guardando com avareza os dons que recebeu. E adiantará, como uma boa terminação do conto, que Alice transforma a sua com- moda e luxuosa sala de estudos em aula e, com carinho e desvelo, arrebatá á ignorancia as multiplas creanças dos ar- redores. Dá-lhes roupas, livros, educa- ção e instrucção.

Procedendo de tal forma, é feliz, muito feliz, a caridosa moça.

Zulmira.

O melhor para as crianças com lombrigas

O Vermifugo EMIL é um xarope de sabor agradável e de efeitos seguros nas lombrí- gas e varias especies de ascarides.

E' completamente inoffensivo; não é irritante, a exemplo dos vermifugos oleosos.

E' preparado com vegetaes da flora brasileira, dos que são usados pelas commissões medicas do interior dos Estados, e, por isso, destróe todos os vermes, inclusive o anchylostomo.

Mas ainda mesmo quando as crianças nervosas e insomnes não expillam bichas, usando o Vermifugo EMIL, conseguem, com o seu uso, a calma e o dormir tranquillo.

O Vermifugo EMIL serve em qualquer caso, em crianças e adultos. Não tem dieta.

A' venda nas principaes pharmacias e drogarias. Preço: vidro 2\$500; pelo Correio, 3\$500.

Deposito geral: Rua Uruguayana N. 66. Perestello & Filho.

ARITHMETICA

Curso elementar

2º ANNO

O 2º anno de estudos primarios de arithmetica pode ser dividido em dous periodos: um, de tres mezes, destinado a recapitulações, aperfeiçoamento e des- envolvimento de noções obtidas no ante- rior; outro, de seis mezes, preenchido com o prosequimento dos estudos.

Não costumam os professores levar em conta os quinze dias de Dezembro, em geral empregados em terminar trabalhos manuaes e preparar a festa do encerra- mento das aulas, sendo, por isso, forçada a irregularidade das aulas.

Não haveria mesmo inconveniente, a meu ver, na consagração official d'esse periodo aos mencionados trabalhos, tor- nando-se legal uma praxe abusiva mas que constitue a soluçção unica para o caso. A administração poderia exigir, en- tão, e muito acertadamente, que o encer- ramento das aulas primarias fosse sem- pre solemne de modo a impressionar o espirito das crianças ficar marcado em suas almas lembrando-lhes o dever cum- prido, a tarefa realizada, o caminho per- corrido em commum com os companhei- ros de estudos—estrada salpicada de ri- sos e orvalhada, aqui e alli, das lagrimas que vivificam as boas resoluções — dei- xando, tambem, em seus corações, impon- deravel mas penetrante, o perfume da gratidão aos mestres e a saudade do seu doce convívio.

Taes solemnidades não deviam acar- retar despezas a que se não póde sub- metter a modesta bolsa do professor primario: hymnos patrioticos, exercicios gymnasticos, recitação, exposição dos varios trabalhos do anno lectivo—cader- nos, desenhos, costuras, etc.—e, especial- mente, a oração de despedida feita pelo mestre, emocionado, ao separar-se dos discipulos, o louvor a um, o encoraja- mento a todos, o reconhecimento á pa- tria, que não esquece os mais humildes dos seus filhos e procura desbravar-lhes o caminho da vida, preparando-os pela educação e pela instrucção ao desempe- nho de todos os deveres, como ao pleno gozo de todas as sãs alegrias que a vida e a sociedade proporcionam.

Não competia á obscura mestra pri- maria de arithmetica a intromissão nos elevados assumptos concernentes á cul- tura do sentimento; mas, não sendo pos- sível separar, isolar, uma das manifesta- ções humanas para só curar das outras, pois, que todas concorrem para um fim unico, a ousadia será perdoada á conta da intenção, que é a melhor possível.

Diziamos, pois, que o 2º anno de estu- dos primarios de arithmetica admite um periodo de tres mezes, destinado a recapitulações, e outro de seis empregado no prosequimento dos estudos.

Vejamos o primeiro.

O professor verificará si estão niti- das as noções de unidade simples e com- posta. Mandará proceder á contagem ra- pida por ordens, interessando toda a classe. Exemplifiquemos:

—Conte F. as unidades de 1ª ordem ou unidades simples:

—Um, dous, tres... nove.

—Conte N. as de 2ª:

—Dez, vinte, trinta... noventa.

—Quando digo trinta, L., quantas unidades de 2ª ordem menciono?

—Tres.

—Como se representam as unidades de qualquer ordem, S.?

—Por meio de algarismos.

Quantos são elles?

—Os algarismos são nove: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

—E como é possível, sendo tão pou- cos, representar, com elles, todas as uni- dades?

—E' que em cada ordem só se con- ta até nove.

—E como distinguir as ordens?

—Falando, é pelos nomes; escre- vendo, é pelo logar em que os algaris- mos estão escriptos.

Vejamos quaes os nomes de tres unidades de 3ª ordem e de tres de 4ª.

—O nome de tres unidades de 3ª or- dem é—trezentos; o de 4ª ordem é— tres mil.

—Bem. E na escripta, como indicar as ordens?

—A ordem é indicada pelo logar: 1ª ordem, 1º logar á direita; 2ª ordem, 2º logar; etc.

—E, si quizermos representar só uni- dades de 3ª ou de 4ª ordem, etc., que faremos?



—Para dar ao algarismo que representa essas unidades o lugar conveniente, occuparemos os que o precedem com uma figura chamada—zero, que significa—nada, nenhum, mas cujo nome lembra o seu antigo feitio—um circulo.

Passará a classe á leitura e escripta dos numeros inteiros, ordem por ordem, como havia sido feito no 1º anno. Mostrará, então, o professor como é possível tornar mais facil, mais simples, mais rapida, a leitura e a escripta dos numeros.

Tomará um numero de seis ordens e chamará a atenção para o facto de ser a 4ª ordem a dos *mil*, a 5ª a das dezenas de *mil*, a 6ª a das centenas de *mil*; sendo todas, afinal, relativas aos *mil*, é excusado repetir esta palavra, exactamente como seria excusado dizer, por exemplo, tenho trezentos livros e quarenta livros e dous livros.

Assim como dizemos trezentos e quarenta e dous... livros, podemos dizer—trezentos e quarenta e dous...mil, de um modo mais rapido e mais elegante.

Para não nos enganarmos quanto ao ponto em que começam os mil, ponhamos aqui (mostra) um signal, um pontinho, como um aviso.

A esta explicação deve seguir-se um exercicio de leitura e escripta de numeros de quatro, cinco e seis ordens.

Passará então o professor aos *milhões* e procederá analogamente, mandando, por fim, lêr e escrever numeros de sete, oito e nove ordens.

Examinará os nomes que designam *mil milhões*, *mil bilhões*, etc., repetirá, quanto á maneira de lêr e escrever esses grupos de unidades, o que já foi explicado para os *mil* e para os *milhões*, e, finalmente, mostrará como o numero escripto ficou dividido em grupos de tres ordens.

Ora, os alumnos já sabem, pelo estudo feito no 1º anno, que convém começar a leitura de um numero inteiro qualquer pela sua ordem mais elevada, pois que isso dá logo a entender que o numero de que se trata não passa dessa ordem, que constitue assim o seu limite

superior, donde resulta ficar logo conhecido o numero de ordens de que elle se compõe, e portanto, o numero de algarismos a empregar para represental-o. O professor fará mesmo exercicios oraes nesse sentido. Dirá, por exemplo: Vou começar a ler um numero: vinte mil... até onde vai este numero?

—Até ás dezenas de mil.

—Dezena de mil é unidade de que ordem?

—Dezena de mil é unidade de 5ª ordem.

—De quantas ordens, pois, se compõe o numero que comecei a lêr?

—Esse numero se compõe de cinco ordens.

—E, portanto, com quantos algarismos se escreve?

—Com cinco algarismos.

Escripto o numero para ser lido, o alumno teria de contar as ordens, uma a uma, a partir da primeira, para conhecer da situação da ultima e poder dar-lhe o nome conveniente. Agrupadas as ordens tres a tres, será preciso fazer trabalho analogo, mas em vez de contar ordem por ordem, passará a contar grupo por grupo, o que é mais rapido, e decompõe o numero dado como que em outros tantos pequenos numeros de tres ordens, que são apanhados e lidos num relance.

Aos exercicios indispensaveis á aquisição do habito da rapida leitura e escripta de numeros inteiros quaesquer, devem seguir-se as regras correspondentes, não dictadas pelo professor mas estabelecidas pelos proprios alumnos a traduzir por palavras os actos praticados para aquelle fim.

Não convindo partir a lição relativa á recapitulação e pequeno desenvolvimento das tres operações conhecidas dos alumnos, será esse o assumpto do proximo numero.

O. C.

(CONTINÚA)

MAPPIN & WEBB Ltd.

100, Ouvidor

RIO DE JANEIRO

JOALHARIA

Prataria, «Prata Princeza»

Objectos de arte, etc.

## DESENHO

### 2ª Lição

#### FAIXAS EM PÉ

Observe, José, a propria prancheta em que você trabalha e responda-me, quantos lados a constituem?

Quatro. Muito bem; dois delles você já me disseram que estão...

Deitados, sim. E as outras duas beiradas têm a mesma direcção das rectas que você ha pouco traçaram?

(O professor indicará então no quadro negro a posição que affectam as duas linhas a que se refere.)

Como estão estas duas rectas que tracei?

.....  
Sim, estão em pé, seguem a direcção deste fio.

(O professor, exemplificará, com um fio a prumo, a direcção da vertical; mandará que os alumnos a figurem, chamando-lhes a atenção para a posição horizontal que devem dar ao giz.)

Que vêm nesta sala que esteja nesta posição?

Que posição affectam as chaminés das fabricas e dos fogões, as paredes das casas, os postes de iluminação electrica, os postes de parada e telephonicos?

.....  
Muito bem; vamos então traçar outras faixas que sigam a mesma direcção da primeira, attendendo aos mesmos cuidados estabelecidos no traçado das faixas deitadas.

(Durante a execução do trabalho o professor fiscalizará os alumnos.)

Apaguem o exercicio feito e o repitam, traçando a primeira faixa com força, a segunda menos forte, isto é, mais de leve, a terceira igual á primeira, a quarta igual á segunda e assim por diante.

(O professor depois de recapitular as noções dadas, variará, tanto quanto possível, os exemplos, e dirá que as faixas deitadas são chamadas horizontaes e as faixas em pé verticaes.)

#### FAIXAS INCLINADAS

(O professor, tomando um sarrafo ou uma regua, mostrará as crianças a posição horizontal e a vertical, para, em seguida, apresentar posições intermediarias, cha-

mando-lhes a atenção para a direcção variavel que pode affectar a recta).

Ora, muito bem, vêm, então você que este sarrafo não está, nem em pé, nem deitado; dei-lhe direcção differente da horizontal e da vertical.

Que posição tem o corpo do homem quando caminha em logar plano?

Sim, em pé; E quando repousa, estirado na cama?

Deitado, sim, Mas, quando subimos uma escada, o nosso corpo affecta uma destas posições?

(Os alumnos naturalmente hesitarão na resposta, mas o professor insistirá nesta nova direcção, chamando-lhes a atenção para a inclinação dos telhados das casas, das ruas enladeiradas, do corrimão das escadas etc., etc.)

Vou, então, traçar uma faixa com esta direcção; prestem, pois, a devida atenção, para que dêem ao giz a posição que lhe vou dar.

(O professor traçará uma faixa inclinada para a direita e, em seguida, fará com que os alumnos o imitem.)

Tracem agora faixas que sigam a mesma direcção da primeira, de modo que as mesmas guardem entre si intervallos iguaes.

(O professor chamará a atenção dos discipulos para a maior ou menor inclinação que poderão dar ás faixas e mandará que repitam o exercicio, traçando inclinadas para a esquerda, representando uma forte e outra fraca, alternadamente. Dirá que as linhas ou faixas que seguem a mesma direcção são chamadas parallelas.

#### FAIXAS CURVAS

(O professor apresentará á classe um sarrafo bem flexivel, dar-lhe-á as tres direcções já estudadas e, procurando aproximar as duas extremidades uma da outra, fará com que elle se encurve.)

Já repararam nos arcos que os indios carnavalescos, querendo imitar os nossos selvagens, entesam, despedindo settas?

Algum de você seria capaz de fazer um arco daquelles?

(Procurando interessar os alumnos, o professor dirá que, com um pedaço flexivel de bambú ou uma barbatana e um elastico, facilmente obterão um arco.)

Pois bem, vou representar aqui no quadro uma faixa com esta forma.



(O professor mostrará á classe o sarrafo encurvado.)

Acompanhem com atenção o meu traçado e observem o giro do giz.

(O professor fará uma curva no quadro negro e explicará que ella differe da recta porque uma regua não coincide sobre ella em dois pontos, pelo facto da curva não ter parte alguma recta. Chamará a atenção dos alumnos para o feitio das rodas dos vehiculos, para a curvatura dos tambores, pires, pratos, pandeiros, mostradores de relógios, botões, bolas de borracha, de bilhar etc., etc. Aguardará, em seguida, que os alumnos o imitem na execução do trabalho.)

Que linha descreve a cobra quando rasteja no solo e que direcção têm os festões de flores que ornamentam salões, ruas e praças em dias de festa?

(O professor chamará um alumno ao quadro para que o mesmo dê uma idéa das curvas continuas a que se referiu. Aperfeiçoará o traçado feito pelo discipulo e traçará outras sinuosas parallelas. Os alumnos repetirão este exercicio fazendo faixas fortes e fracas alternadas.)

ZULMIRA.

—)o(—

## GEOGRAPHIA

5º ANNO

### Estudo comparativo entre o Brasil e outros paizes do globo

Orientação: — Esse estudo, como todo estudo de geographia, deve ser feito á vista do mappa, nesse caso o planispherio, para que o alumno verifique a relação de grandeza territorial que torna o nosso paiz superior a todos, até mesmo á China e aos Estados Unidos, visto ser 1/3 das areas dos dous ultimos paizes pouco aproveitavel.

Mas, já que a importancia de um paiz não é resultante sómente de sua extensão e sim, antes, de suas producções, industria e de seu commercio, é preciso destacar as nossas zonas productoras, cujos dados devem ser veridicos e actuaes.

Em tratando do café, nossa maior fonte de riqueza, mostrará o professor a sua zona productora e dirá quaes os nossos maiores consumidores; não será demasiado mostrar a gravura de um ca-

fezal, de um cafeeiro e dizer do seu preparo.

Passando á borracha, fará as mesmas referencias, recordando a lição dada no quarto anno, e accrescentando a causa da desvalorização actual desse nosso producto, cuja cultura, entretanto, não deve ser abandonada e sim protegida e incrementada, provada como está a superioridade do latex da nossa hevea, nas diferentes applicações que ella tem na industria, principalmente depois da sua vulcanização.

Merece os mesmos esclarecimentos anteriores o estudo do que diz respeito á cultura da canna de assucar e do cacáo, e do que interessa á criação do gado, para que o alumno comprehenda a necessidade que temos de augmentar essas producções e de que meios devemos lançar mão para tal conseguir, pois o Brasil, quando os seus sertões puderem ser inteiramente povoados, graças á catechese dos indios e á construcção de estradas de ferro, transpondo montanhas e vencendo os obstaculos das cachoeiras, fará victoriosa concorrência aos Estados Unidos, á Argentina e á Australia, isto é, aos grandes abastecedores dos mercados de carne do mundo inteiro.

Resta-nos ainda falar, com especial cuidado, do cultivo do algodoeiro, seguindo a mesma orientação dada, e da exportação de minerios.

Uma vez estudados os principaes productos de exportação, tratará o professor dos que importamos e quaes os nossos principaes fornecedores, quer na America quer na Europa.

Em tratando de productos manufacturados, citará o professor os paizes que nol-os enviam e as nossas materias primas que entram em taes confecções.

Baseado esse estudo no que foi aprendido no quarto anno, quando foram estudadas as grandes culturas do Brasil, o professor não só conseguirá que o alumno tenha grande interesse na lição, que elle proprio desenvolverá, respondendo com acerto ás perguntas que o mestre lhe fizer, como que faça idéa, pelo que de novo estiver aprendendo, do logar que, entre os outros paizes do globo, ao Brasil está reservado, pelas suas condições naturaes e pelo esforço e trabalho de seus filhos.

CLOTHILDE PIQUET CARNEIRO.

## PALIDEZ DA FACE

A anemia, a chlorose, a neurasthenia, o excesso de trabalho, etc., causam as senhoras a pallidez da face, tornando-as apprehensivas e tristonhas

As *Pilulas Fortificantes* do Pharmaceutico Carlos Cruz fazem desaparecer esse flagello. São vendidas em as pharmacias e drogarias. —:

Agentes Geraes:

**CARLOS CRUZ & C.**

Rua São Bento, 1

Rio de Janeiro



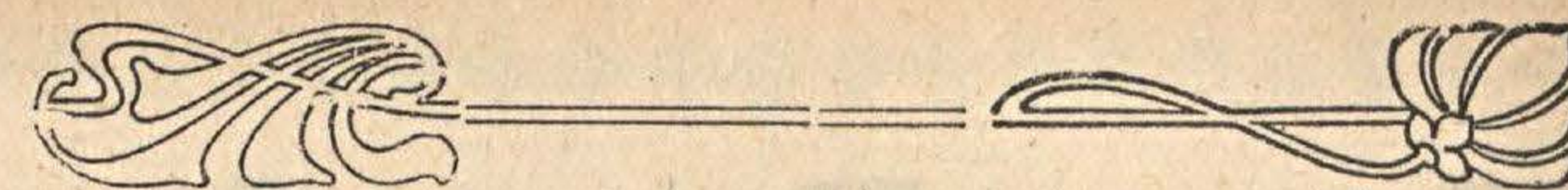
## OCULOS e PINCE-NEZ

para qualquer defeito da vista

Apparelhos Photographicos e Accessorios.

**LUTZ, FERRANDO & CIA LDA**

RUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO



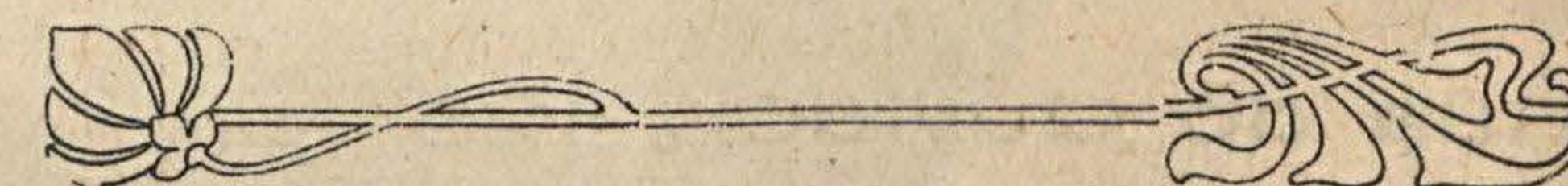
## CASA BASTOS

R. URUGUAYANA 19-22

Novas creações  
em bufalo branco, Vermiz,  
e pellicas de cores, setim,  
rosa, e branco.



TEL. 2616 central - Rio -  
Tecem Catalogos.



## CASA GUIOMAR Calçado dado 120, AVENIDA PASSOS, 20

ULTIMA NOVIDADE



Fortissimos borzequins em vaqueta escura, sola dupla, proprios para collegiaes.

Preços de reclame

De 18 a 26 8\$000  
De 27 a 32 9\$000

Pelo Correio, mais 2\$000 em par



Sapatos ALTIVA, em kangurú, preto e amarello, criação exclusiva da CASA GUIOMAR, recommendados para uso escolar e diario, pela sua extrema solidez e conforto.

De 17 a 25 5\$000  
De 27 a 32 6\$300  
De 33 a 40 8\$000

Pelo Correio, mais 2\$000 em par

Já se acham promptos os novos catalogos illustrados, os quaes se remettem inteiramente gratis a quem os solicitar, rogando-se toda a clareza nos endereços para evitar extravios. Os pedidos podem vir juntos com a importancia na mesma carta registrada com valor ou em vales do correio, dirigidos á firma Julio de Souza, successor de Graefi & Souza — AVENIDA PASSOS, 120 — RIO.



# Parc-Royal

Especialidade  
em  
Uniformes e Enxovaes  
para  
Todos os collegiaes  
A maior e a melhor casa do Brasil



## MENOS TRABALHO MELHOR RESULTADO

Sua correspondencia fala por V. S., revela sua propria personalidade.

Faça-a nitida e convencedte, imprima caracter e uniformidade em suas cartas, usando a machina de escrever Remington com sahida automatica, que reduz o trabalho do dactylographo, reduyindo o custo da sua correspondencia commercial.

Nada lhe custa pedir-nos uma machina para experiencia afim de certificar-se destas vantagens.

### CASA PRATT

Rua do Ouvidor, 125

Tel. Norte 2020

Filiaes ou Agencias nas principaes Cidades

## Tintas "Sardinha"

Azul - preta, fluida e fixa E' a melhor LACOL - Finissima tinta para pintura esmalte.



ZAZ TRAZ - O melhor liquido para limpar metaes.

Rua do Senado n.º 218 - Rio

Usou o  
**ELIXIR DE INHAME**  
e engordou 8 kilos



Cecilia Eduarda e Silva

Declaro que soffrendo de molestias de pelle e estomago usei diversos preparados sem resultado e com 2 vidros do **ELIXIR DE INHAME** fiquei curada engordando (8) oito kilos. Junto remetto a minha photographia.

Cidade de Nazareth, Estado da Bahia, 23 de Junho de 1920.

Cecilia Eduarda e Silva.



# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 129

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

**PAULO DE AZEVEDO & C.** Livros Editores e Importadores

## EXTRACTO DO CATALOGO

SABINO e COSTA e CUNHA

### HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$500
2º Livro de Leitura.....	\$800
3º Livro de Leitura.....	\$800
4º Livro de Leitura.....	\$800

### THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$600
2º Livro de Leitura.....	1\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500

### EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	3\$500
5º Livro de Leitura.....	3\$500

### SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica.....	1\$500
1º Livro de Leitura.....	2\$500
2º Livro de Leitura.....	3\$000
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	2\$500

### ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

### FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura.....	1\$500
Cartilha.....	1\$800
Leitura Preparatoria.....	2\$500
1º Livro de Leitura.....	3\$000
2º Livro de Leitura.....	3\$000
3º Livro de Leitura.....	3\$000
4º Livro de Leitura.....	4\$000

### JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500
4º Livro de Leitura.....	3\$500
5º Livro de Leitura.....	4\$000
Leituras Praticas.....	1\$500
Fabulas (em verso).....	1\$500

### D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2º anno.....	2\$500
Leitura para o 3º anno.....	2\$500
Leitura para o 4º anno.....	3\$000

### D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$000
1º Livro de Leitura.....	2\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500
4º Livro de Leitura.....	3\$000

### ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura.....	\$600
Novo 1º Livro de Leitura.....	1\$000
2º Livro de Leitura.....	2\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$500

Expositor da Lingua Materna.....	1\$000
Segudo Livro.....	1\$000

### FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler.....	\$500
2º Livro de Leitnra.....	1\$500
3º Livro de Leitura.....	2\$000
Excursões escolares.....	1\$000

### DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro.....	1\$500
Vida Intantil 2º Livro.....	2\$000
Vida Infantil 3º Livro.....	2\$000

### COLLEÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro.....	1\$000
Novos Principios de Leitura.....	1\$000
Guia da Infancia, 1ª parte.....	2\$000
Guia da Infancia, 2ª parte.....	2\$000
Guia da Infancia, as 2 partes.....	4\$800
O 1º livro de André 1ª parte.....	2\$000
O 1º livro de André 2ª parte.....	2\$000
Compendio de Historia Sagrada.....	3\$000
Noções de Sciencias.....	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.).....	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.).....	6\$000
E. DE AMICIS—Coração.....	2\$000

### AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente.....	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios.....	3\$500
" " Patria Brasileira...	3\$500
" " Theatro Infantil....	2\$500

### CORNAZ

As creanças e os animaes.....	1\$500
Novos Amigos.....	2\$000
CORREIA e BARRETO—Era uma vez.	2\$000

A. M. PINTO—Proverbios populares..	2\$000
------------------------------------	--------

BILAC e BOMFIM — Leitura Comple- mentar.....	4\$000
---	--------

ALBERTO DE OLIVEIRA — Céu, Terra e Mar.....	3\$500
--	--------

### TRANCREDO AMARAL

Livro das Escolas.....	3\$000
------------------------	--------

### BARRETO E LAET

Anthologia Nacional.....	5\$000
--------------------------	--------

### EUGENIO WERNECK

Antologia Brasileira.....	5\$000
---------------------------	--------

### JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	3\$000
Selecta Classica.....	4\$000

DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico.	3\$500
---------------------------------	--------

B. P. R. — Leitura Manuscripta.....	1\$500
-------------------------------------	--------

### A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica.....	2\$500
------------------------------	--------

OLAVO BILAC — Poesias Infantis.....	3\$500
-------------------------------------	--------

L. FERDINAND—Lyra das Crianças...	2\$000
-----------------------------------	--------

R. PUIGGARI — Album de Gravuras...	2\$000
------------------------------------	--------

Remettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasil